

AVULSO ESCUDOS 1\$20
ANO III — NÚMERO 118
19 DE AGOSTO DE 1943

Oferta
-0. NOV. 1998



*Condessa de Schouwaloff, um 1.º prémio no
Concurso de cavaleiras, no Estoril*

*Vida
Mundial*

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós



D. OLGA DE MORAIS SARMENTO

Uma figura de larga projecção social e intelectual que muito tem feito pelo estreitamento de portugueses dispersos pelo mundo e pela divulgação da nossa cultura no estrangeiro. Regressou dos Estados Unidos, onde realizou uma nobre missão de portuguesa.



PAULO DUARTE

Um espírito moço de brasileiro, que ultimamente tem pôsto o seu valor ao serviço da arte brasileira e americana, nos Estados Unidos. Veio a Portugal fazer estudos que se relacionam com a arte barroca no nosso país.



AUGUSTO SÁ DA COSTA

Um editor que tem sabido colocar os seus interesses a par dos interesses da nação, acaba de ser louvado pelo sr. Ministro da Educação, por ter oferecido 2.000 livros a alunos pobres do ensino primário, liceal e técnico.

ROCHA Martins, coração de pomba dentro dum corpo de Mosqueteiro, lançava, há dias, esta idéia generosa: deixemos voar os pássaros. Daqui lhe enviaremos o nosso aplauso. «Des-truam-se as espécies daninhas — proclama Rocha Martins — mas poupem-se as aves cujo maior encanto consiste em voar por esses ares, cumprindo uma missão de beleza». Não falará quem perfilhe estas palavras. Se toda a gente abrisse as portas das gaiolas, mesmo doiradas em que tem reclusas as pobres aves — que lição de generosidade e de ternura não seria dada ao mundo! E para principiar esta lição acabar-se-ia, por exemplo, com o tiro aos pombos — atrás selvageria disfarçada em falsa elegância mundana — espectáculo triste, lamentável e, no fundo, pouco harmónico com pessoas que se permitem o luxo de se julgar civilizadas.



Inventário & Balanço

Açucar a menos e azedume a mais

OS intelectuais dão-se por vezes ao luxo doentio de oferecer o espectáculo das suas desavenças em termos descompostos de cozinheiras gordas e engorduradas. Eis um dos casos que nos ofereceu a última semana. Outro caso digno de registo e anotação é o de se anunciar a próxima entrada em vigor do regime de restrições nos estabelecimentos de comidas feitas: dois pratos nos restaurantes, nada de pastéis nas pastelarias. O difícil, realmente, é descobrir o traço de união entre esses dois assuntos, mas inquestionavelmente esse traço de união existe, não só pela coincidência de revelação dos dois episódios, mas pela teimosa insistência com que, sem dar por isso, o comentador os encontra na sua presença. Esta presença é, talvez, pouco mais que uma simples nebulosa, mas os fenómenos embrionários não são, por certo, os menos dignos de atenção. Em boa verdade — qualquer dos casos pode significar ausência ou insuficiência de «controle»: num caso, porque se não contém a tendência de levar para um nível de questionável agreste o que quer que seja capaz de significar simples desacôrdo de princípios; noutro caso, porque se não contém tendência de ingerir o que deixa de ser alimento para ser apenas guloseima. Num caso como noutro, o mal é de incontinência. E o aspecto da relação negativa, temos que, no primeiro caso, o mal provém do excesso de azedume; no segundo caso, regista-se... a falta de açúcar.

Onde andaré remédio para isto? Parece ser de boa regra aplicar-se, ao caso, o princípio da uma autarquia tão absoluta que cada um busque o remédio em si mesmo. Para o caso dos pastéis — não há que procurar o que não há. E dar graças do que vai havendo. Para o caso da falta de serenidade nas discussões sobre motivos de natureza intelectual, parece rudimentar que se tenha presente, 1.º — que o corpo das idéias deve ter o menos possível que ver com as idéias do corpo. 2.º — que o escritor exercita uma actividade mental de conteúdo inerente a todos quantos têm e detêm, a justo título, a mesma condição; e, 3.º — que o consenso unânime do vulgo se considera apto, a julgar o todo pela parte, quer esta dê boa ou má conta de si — mas sem esquecer que a tendência é de atentar no erro e deixar andar sem mais reparo o que vai certo. Quere isto dizer: quem escreve tem o dever de prestigiar não só os seus escritos como a própria acção de escrever, eliminando de si, orgulhosamente, tudo quanto possa oferecer espectáculo lamentável de que esqueceu ou pode esquecer — não diremos o mínimo, porque em tais questões cada um não pode contentar-se com o mínimo, mas reivindicar o máximo — cada um não pode esquecer o sentido verdadeiro e completo de dignidade intelectual, ao abordar-se de assuntos de tal pendão. As questões não se derinem aos gritos. Menos ainda em jeito de insultos.

Só falta descobrir o produto sintético, capaz de fazer precipitar todo o azedume...

NINGUEM até hoje soube dizer, com rigorosa propriedade, o que era o amor. O mais que se tem feito tem sido criar, à sua volta, com maior ou menor brilhantismo, uma série de frases, de paradoxos e de «blagues». O amor é o eterno desconhecido. Impossível defini-lo. Até agora, não obstante todas as conquistas do progresso, não se conseguiu ainda a fórmula que nos dê, em síntese, os fenómenos sentimentais de Othelo de Romeo, de Abelardo e de Musset. *Chacun sa femme* — chacun son amour. O certo é que por um cabelo, por um sorriso, por um olhar, por uma boca pintada, por uma perna, mais ou menos torneada, o homem não hesita em desafiar o complexo mistério do amor. Tinha de acontecer o que era inevitável. O amor produz, pontualmente, as suas vítimas. Todos os dias os jornais trazem a lista, mais ou menos extensa, dessas vítimas. O ódio para matar usa, em regra, do revólver; o amor usa, geralmente, do ciúme. Mas, enquanto para usar um revólver é, em princípio, exigida uma licença, para o ciúme não se exige licença alguma.



ADELINA ABRANCHES

Completo, há pouco, 77 anos. Exemplo de trabalho, de inteligência e de arte de representar, a sua figura avulta na cena portuguesa e reclama a justiça dos poderes públicos; para que seja compensada a sua vida de magnífico trabalho.



HENRIQUE MARQUES JUNIOR

A juntar à sua vasta produção literária para crianças, Henrique Marques Junior publicou agora «No Reino do Prodígio», mais uma colecção de histórias agradáveis que entra na 2.ª edição.



REALIZOU-SE recentemente nas Caldas da Rainha, uma «Tarde da Moda». Entre outros números, houve uma passagem de modelos. Defronte de alguns olhos femininos deslumbrados passaram, num elegante desfile, vestidos de passeio, vestidos de praia, vestidos de cerimónia, vestidos de baile. Depois dos vestidos surgiram, logicamente, os casacos e, entre eles um, denominado — porque, como sabem, cada modelo possui um nome — denominado «Espero-te». Eis um nome significativo dentro da expressão enigmática que o caracteriza. «Espero-te». Mas a quem? ao corpo dela — ou ao dinheiro dele? Ao que nos informam, o próprio casaco interrogado a este respeito manteve-se silencioso, considerando com os seus botões e com a sua filosofia de lá que, nestas coisas, a lingua é de prata — mas o silêncio é de ouro.

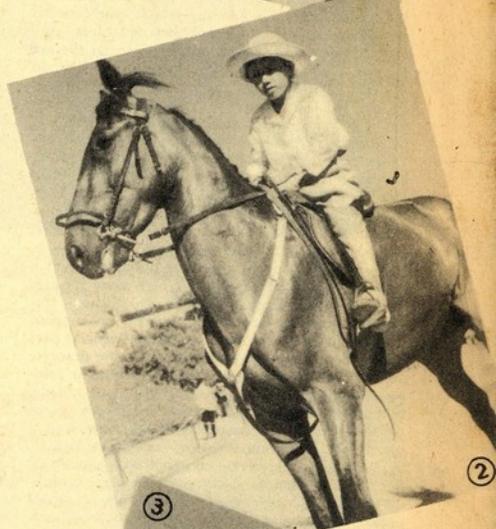
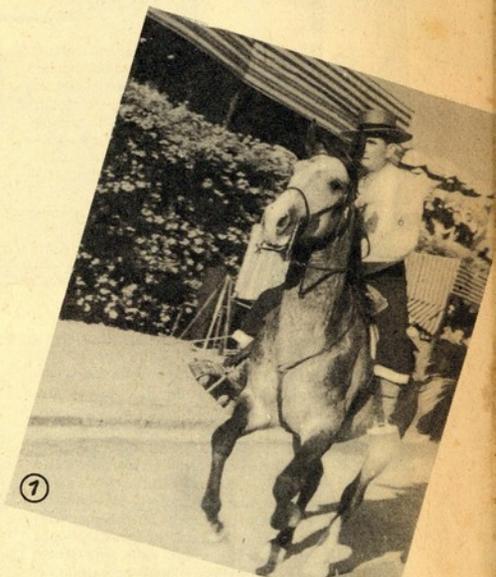
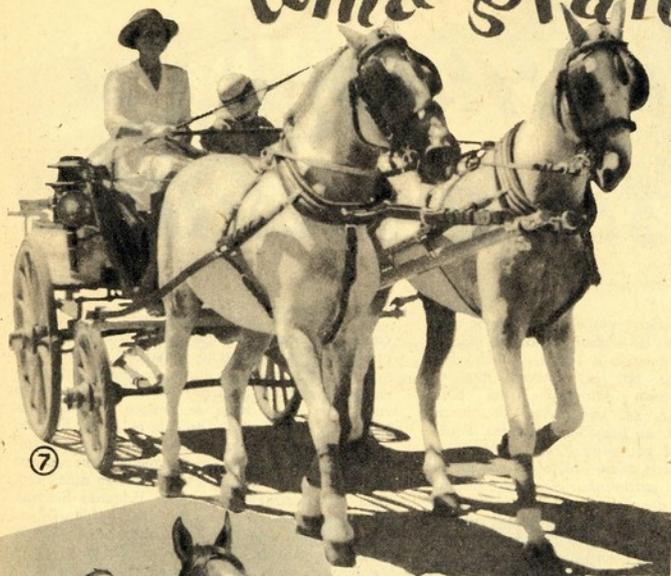


MAJOR EMIL VON HAARTMAN

Adido militar da Finlândia em Portugal e Espanha, encontra-se agora no nosso país, onde vem tratar de assuntos ligados às suas altas funções, devendo aqui permanecer largo período.

Vida Mundial
 Ilustrada
 PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
 DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
 EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
 TELEFONE: 25844

Uma grande "parada" no ESTORIL

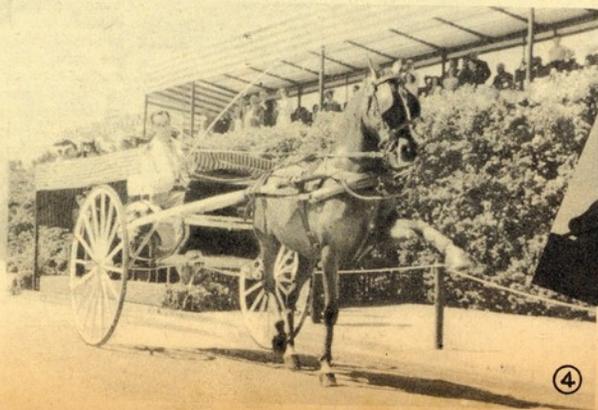


QUANDO a gasolina faltou, criou-se o gosto da arte de cavalgar. Depois, a gasolina voltou — e os cavalos ficaram. O hipismo criou novos adeptos e reacendeu o entusiasmo daqueles que, com a onda do progresso, tinham esquecido o devaneio desportivo dos cavalos. Os concursos hípicas, as corridas de obstáculos, paradas de elegância, desfiles de equipagens — velhas peças de museu, recordações que se avivam, despertaram mágicamente. A última parada de cavalos, cavaleiros e carros — chamaram-lhe o desfile das equipagens — realizada no Estoril, teve momentos coloridos que reproduzimos, de algum modo, nestas fotos. Lisboa elegante, de braço e dobrões, passou pelo asfalto da Costa do Sol — um sol rutilante que fez brilhar o polimento das calças, os arreios dos cavalos e as jóias das mulheres célebres pela beleza, pela elegância e pelo sangue...

Portuguesas e estrangeiras — havia russas, polacas, húngaras e não sabemos que mais — tipos de beleza eslava e sangue quente de Espanha, tal foi a extraordinária, magnífica grande parada por onde perpassaram os mais graciosos trajes regionais. Desde a mantilha e dos cravos vermelhos das lindas madrilenas ao chapéu largo e à calça grossa da gente da estepe, tudo desfilou pelas avenidas do Estoril — sem esquecer a salaio de Caneças e o campino do Ribatejo...

Magnífica tarde, magnífico sol, magnífico espectáculo, que mágicamente fez ressurgir os mais belos, curiosos e velhos meios de transporte dos nossos avós, dos nossos filhos e até dos nossos netos...

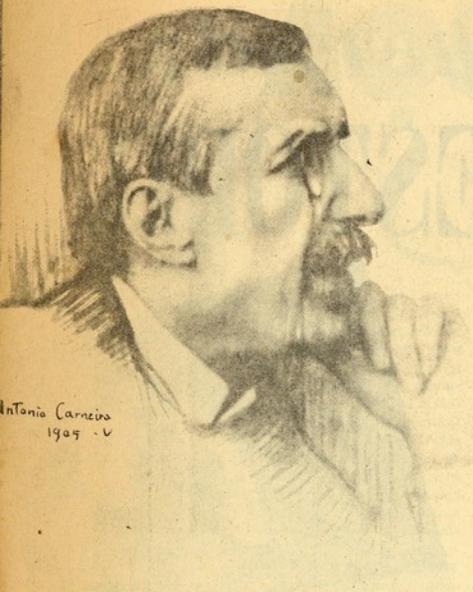
1 — Emílio Infante passa... 2 — O filho do sr. ministro do Japão olha... 3 — D. Heta Harold, 1.º prémio «passeio». 4 — Picão Fernandes, 1.º prémio «elegância». 5 — M.^{me} Ireta passou assim numa carruagem. 6 — Uma amazona que merecia todos os prémios... 7 — D. Ana Ribeiro Ferreira, outro 1.º prémio.



5

4

Quando Eça desce á cidade...



António Carneiro
1909 - v

AO subir o Alecrim, por uma noite de estio, um bando de passadeira, gozando de alegria, recoupeu num vôo leve, da estátua de Eça para a beira dum telhado. Dir-se-ia que, desperta pelo alvoroço dum eléctrico, sujeito ao atrazo da tabela, a passadeira tinha deixado de embalar o grande romancista, com a doce música, para se pôr a coberto da fisga de qualquer malandrim. Em S. Roque, batiam, sonoras, as onze horas. Parte de Lisboa dormia, então, de janela aberta. Eça estava só, no seu pequeno jardim. A mesma mulher — a única que jámais, por certo, o abandonará — sorria-lhe nos braços. Meio curvado, o autor dos «Maia» parecia escutar-lhe um segredo — o segredo que ela nunca dirá. Olhando de frente a estátua do criador de Fradique parecia que tudo se animava. O monóculo de Eça voltou a fisear, irónico, sobre a pupila curiosa. A mão descarnada alisou o cabelo, do jaquetão alvado tirou um largo lenço de estambre e pôs-se a sacudir o pó do verniz dos sapatos, de biqueira afiada. Depois, com uma ruga de cansaço no rosto, levou dois dedos ao bigode, que lhe pendia aos cantos da boca. A sua gravata berrante, escandalosa, sobressaía da alvura da camisa e, perna ali, perna acolá, dispôs-se a andar, talvez a caminho do Bragança. Não vi para onde foi esta visão — porque logo se dissipou. No entanto, fêz-me tão bem este sonho que fiquei a contemplar, no silêncio, a vida do mais cintilante espírito português das últimas gerações. Eça, se hoje descesse desse pedestal, onde a amizade de alguns o colocou e viesse, Chiado abaixo, visitar a cidade, encontraria ainda vivos, robustos e talentosos os símbolos dos seus romances. Na Havana, limpando com os brancos lenços as calvas suadas, ainda lá estão, de preto, cerimoniais, falando de alto, os conselheiros Acácios. O romancista estacaria, decerto, abismado. Os mesmos casacões pretos, na botteira a eterna condecoração, a mesma satisfação bolófa nas bochechas moles.

Falam de tudo, com autoridade, citando. Dizem o «nosso Tejo» «o nosso Garrett», «o nosso Camões» — e, também, em vez de vomitar — fazem o gesto apropriado e acrescentam: «restituir!».

Lá mais em baixo, no «turf», encontraria o Damaso, dando pulinhos de gôrdo, êle que sabe como ninguém *atracer-se* a todas as mulheres. No Rossio, onde Eça morou tantos anos, a mesma basbaquice. Gente que se aglomera, com ares de definitivo, o trotar de alguma caleche — agora que os automóveis precisam de abanos para o fogaieiro. Era natural encontrar o comendador Pinho, já feito barão de S. Francisco, que vinha de recolher à Travessa da Palha — a acreditada pensão da mãe do Quinzinho, talvez terceiro oficial de alguma secretaria do Estado. Eça, decerto, desde que o primo o apresentara como prestamista do Estado, falaria ao brasileiro Pinho. Tomavam mesmo um capilé com soda. E, depois de se despedirem com efusivos apêrtos de mão, Eça garantia ao «lobinho» que, no outro dia, lhe faria uma visita, por via do doce de tejólo — que perturbava as digestões. Naquela altura passava o padre Salgueiro, apressado, suando, com um

grôso «Diário do Governo» e um pacote de queijadas, incumbências do senhor Bispo. Do lado do «Martinhos» atravessando a Praça, o velho Fialho, — há alguns por aí, embora não escritores — rancoroso, deitava-lhe um olhar de desdém. Não se importava. O mesmo fizera, no Chiado, ao brigadeiro Chagas, aquêle malfadado homem que sempre se intrometia na sua vida e com quem andara às turras nos jornais do Brasil. Era um patriotinha assanhado, dizendo motes nos serões das velhas condessas. Todavia, não lhe podia perdoar o que êle dissera, no relatório da Academia, da sua «Reliquia». Ao passar na Estação do Rossio ouviria um berreiro. Era o Vidigal, de volta da Índia, onde estivera, já com a história da música que por lá vai, quasi pronta a ser editada.

Pedia-lhe um prefácio — e Eça acedia. Perguntava-lhe por D. Fradique.

Estava em Paris, com o jacinto. E a Maria Eduarda? — voltava, com melancolia.

— A irmã de Carlos...

— Anda por aí...

Eça de nada se admiraria. Tudo na mesma e nos seus lugares. O próprio Rossio, vazio de gente, aquelas árvores raquíticas que nem sombra dão, os repuxos «rocócos», com ar parado na mandriçedade que se encostam a impedir o trânsito — era o seu Rossio. O que lhe podia falar: O Ruço, batendo a pileca magra, num feixe de ossos, que pedia uma placa para bater à Cruz Quebrada!

* * *

Vai festejar-se o centenário do seu nascimento. Com certeza que nas festas, com romagens, flores, sessões solenes de muita erudição e ar conselheiral — há-de aparecer também o sr. Rufino, um desses que a gente conhece, que têm voz de papo e dão às mangas esticões, até aparecerem no auditório os punhos brancos e as fitas das ceroulas. Talqualmente o saráu no Ginásio, com senhores graves a comentar: «que fino, que sublime!» e a dizer transcendências: «Quando a morte veio roubar à literatura o seu melhor artista, Portugal inteiro pranteou Eça, sentida e comovidamente!».

É claro, ninguém se lembrará de dizer que êste Portugal inteiro era metade do Chiado e cem pessoas que sabiam ler...

No resto do país e da cidade — ninguém o conhecia. Tanto assim que, no funeral, apesar dos candeieiros, por despacho camarário, estarem envolvidos em crepes, de andar na cidade uma morrinha de tristeza, o magro cortejo atravessou as ruas, com meia dúzia de amigos. Fialho — sabe-o toda a gente — saiu do café na Praça D. João da Câmara a mastigar uma sanduiche e a cuspinhar sobre o esquite o que a piedade manda que se perdoe aos inimigos. Pois, conta-se numa crónica da «Ilustração» feita por Eduardo Schwalbach, que um casal burguês, mais a filha, rapariga espigada que hoje nos lembraria a «vamp-bem», pasmou de admiração por não haver grande aparato no enterro. Queriam oficiais de cavalaria com grandes penachos, um ar alegre e marcial, numa cerimónia de luxo. Pois como não houvesse nada disso a pequena, fazendo uma boquinha, perguntou à mamã:

— «Quem é êste senhor Queiroz?».

— «Não sei, filha. Parece-me que era um guarda-livros — um homem que escrevia...».

«E logo o papá, dando um esticão à manga do fraque, ciente do que ia dizer»:

— «Nada disso! Este sujeito Queiroz, pessba aliás que não tive a honra de conhecer, era repórter do «Diário de Notícias». Ele mesmo escreveu aquella coisa do «Mistério da Serra de Sintra». Houve um outro repórter, um Ramalho. Era uma pessoa com muito jeito!».

— Coitado! havia de lamentar o homenzinho!

E a gôrda burguesa, com os botões, pensaria «se a víviva teria ficado, ao menos com o Monte-Pio...».

* * *

Foi assim quando êle era vivo, foi assim quando morreu. E assim hoje e há-de ser assim quando lhe festejarem o centenário. Mas, então, Eça descerá à cidade, mais uma vez assestará o óculo sobre os possidórios do dia e... nada dirá. O seu espírito — suprema vingança do ironial — crivará o juízo crítico dos homens ridículos, para os fazer rabiar por dentro, bem conscientes da sua pequenez. Porque Eça de Queiroz desce, realmente, por aí, vai aos «cafés» e às «tertúlias». Mas uns não têm a coragem de o reconhecer — e outros julgam-se descaradamente a sua «incarnação»...

MANUEL MARTINHO



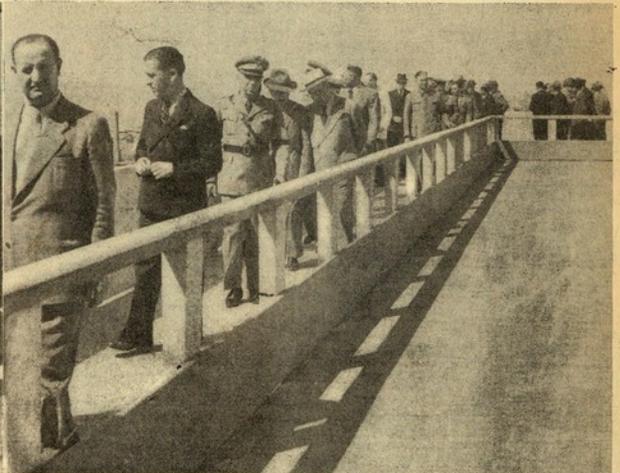
Eça figura nesta foto, em que estão também «Os Vencidos da Vida»

actualidades GRAFICAS

A Lisboa das exposições de Arte que estava ausente com a chegada do Verão, regressou agora com o certame inaugurado no Casino Estoril. Pintura, escultura e desenho de artistas portugueses — tais são os elementos que compõem a exposição inaugurada pelo sr. Presidente da República.



«Podemos aumentar a nossa produção, aproveitando o mosto das uvas, para fabricação de açúcar» — disse o sr. sub-secretário da Agricultura, no Instituto Superior de Agronomia, aos jornalistas. A sua exposição foi targa e clara. Os efeitos não se farão tardar.



O sr. intendente geral dos Abastecimentos foi com altas individualidades e jornalistas visitar as instalações do Frigorífico de Alcântara porque é preciso dizer ao país que temos os melhores acondicionamentos para as mercadorias e que o público pode confiar.

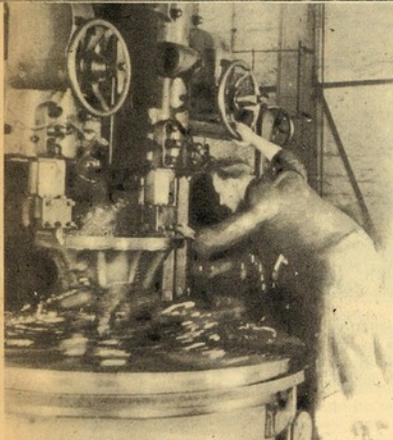
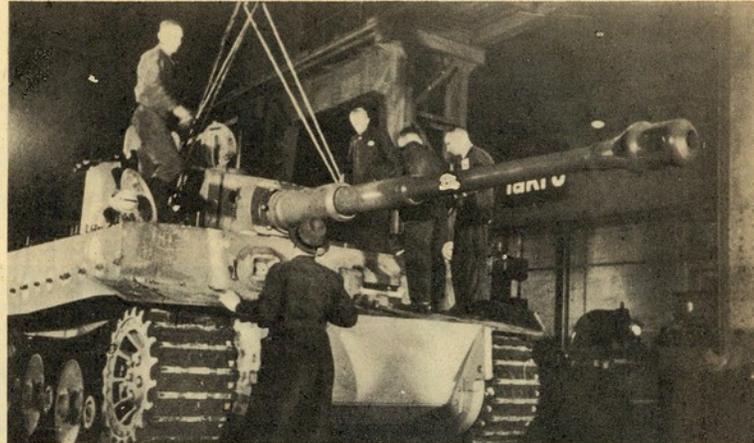
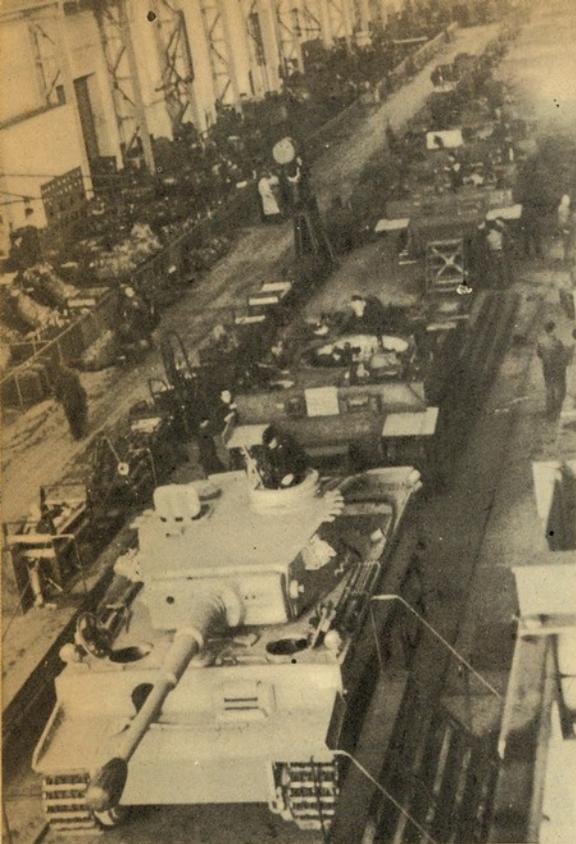


O sr. embaixador do Brasil, dr. Neves da Fontoura, foi recebido, na Secção Brasileira do S. P. N. pelo sr. António Ferro representante do D. I. P., dr. Cesário Alvim, e muitos escritores e jornalistas.

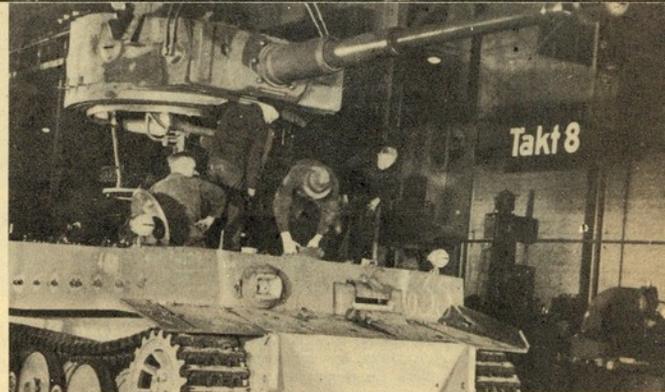


Foi um acto simples, o que se realizou no gabinete do sr. ministro da Economia, para empossamento dos srs. major António Baptista e António Simões Mota, respectivamente intendente geral dos Abastecimentos e adjunto. Os dois empossados, fardados, à esquerda, ouvem o sr. Rafael Duque que lhes fala das suas novas funções.

OS "TIGRES" são fabricados EM SÉRIE...

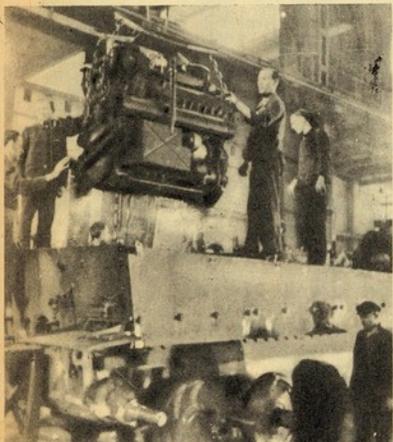


Esta torre é fixada. As dimensões do tanque permitem que trabalhem dentro dele numerosos operários, no derradeiro ajuste de peças.



Depois, com a ajuda do guindaste, o tanque, que já dispõe de cremalheiras, recebe a respectiva torre de fogo.

O «Tigre», novo tanque pesado alemão, é agora fabricado em série. O operário, nesta foto, está a desbastar as rodas dentadas para as cingalhas...



O tanques, que são feitos em série, também saem em série das fábricas para a sua missão de combate. Um após outro, põem-se em marcha...



Ào mesmo tempo que os operários colocam em câmbio o motor, outros operários, em baixo, adaptam os eixos às rodas.

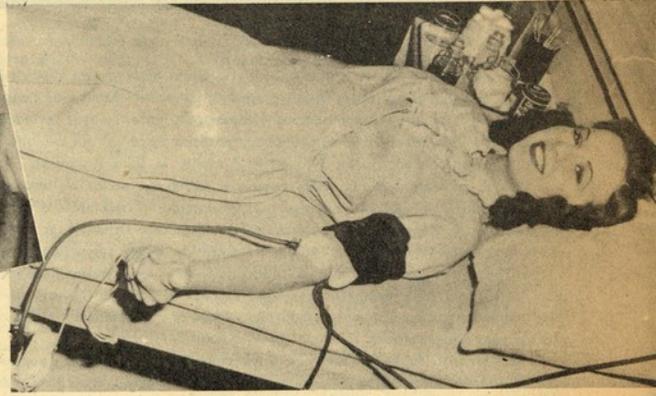
...e eis-os a postos, para combater! Um oficial do exército tomou o seu lugar nessa máquina possante que milhares de mãos diligentes criaram, ao serviço da inteligência e a favor de uma causa.



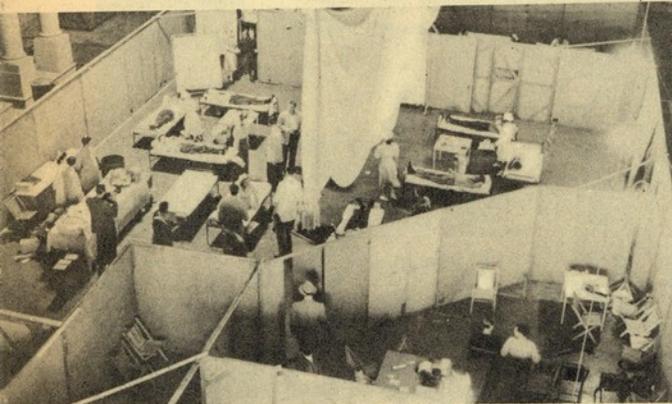
OS ARTISTAS DE HOLLYWOOD dão O SANGUE PARA AS FORÇAS ARMADAS



Nos «Bancos de Sangue», organizados em toda a América pela Cruz Vermelha, Dennis Morgan felicita Charles Badar que recebeu o bolão de prata. O que equivale a dizer: três vezes deu meio litro de sangue para os soldados...



Sabem que é? Deanna Durbin, que dá também o seu sangue à C. V. numa cena do filme «Hers to Hold». A colaboração das unidades móveis tornou possível fazer uma cena real para o filme e aproveitar o sangue para os laboratórios.



Uma unidade móvel da C. V. visitou um estúdio de Hollywood. Os artistas interromperam o trabalho e foram espontaneamente dar o sangue que irá salvar alguns compatriotas. O estúdio ficou assim com este aspecto...



Ingrid Bergman e Sydney Greenstreet preenchem os seus boletins de inscrição. Comprometem-se, assim, a dar, no corrente ano, o seu sangue à Cruz Vermelha, que está a promover comícios monstros para arranjar inscrições.



Uma enfermeira do Serviço de Doadores de Sangue da C. V. faz a extracção aos actores Dennis Morgan, que está ao centro de cigarro atrevido na boca, e Gig Young, que não parece estar muito à vontade...



Esta é Alexis Smith. Também deu o seu sangue e, agora, muito bem disposta, ouve a explicação humorística que Carlton Alsop, director do Serviço de Doadores de Sangue, lhe presta acerca da preparação de plasma destinado aos feridos.

COMO SE FAZ UM PILOTO DA

R.A.F.

OS rapazes da R. A. F. têm-se coberto de glória nesta guerra. Foram eles quem ganhou a primeira batalha para os Aliados — a batalha de Londres, que tem sabor de epopeia. Sem os rapazes do uniforme azul esverdeado, Londres não teria resistido à invasão aérea, primeira etapa de um conjunto de operações que tinha por principal objectivo o assalto às Ilhas Britânicas.

Para se preparar cada um desses rapazes é, entretanto, necessário uma meticolosa aprendizagem, que não diminui — antes enriquece — cada um dos elementos que compõe a equipe dos aviadores de Sua Magestade Britânica. A selecção de rapazes, começa, aliás, pelo princípio: antes de serem submetidos a essa aprendizagem — o grande sonho da mocidade! — têm que prestar provas em que demonstrem capacidade física e moral excepcionais. É que os ingleses sabem perfeitamente que é com soldados de «élite» que se ganham os melhores triunfos para a jogada final...

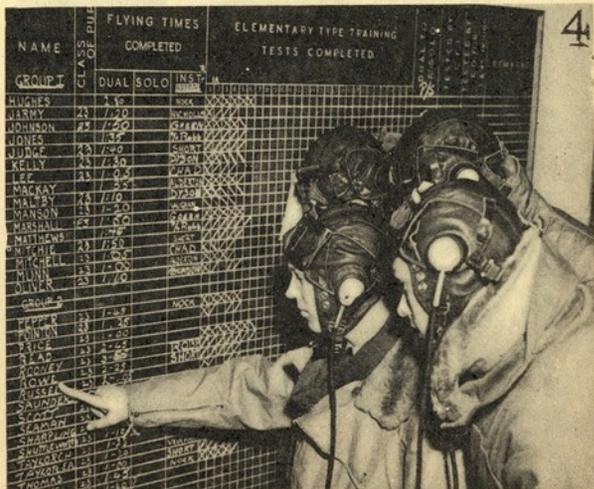
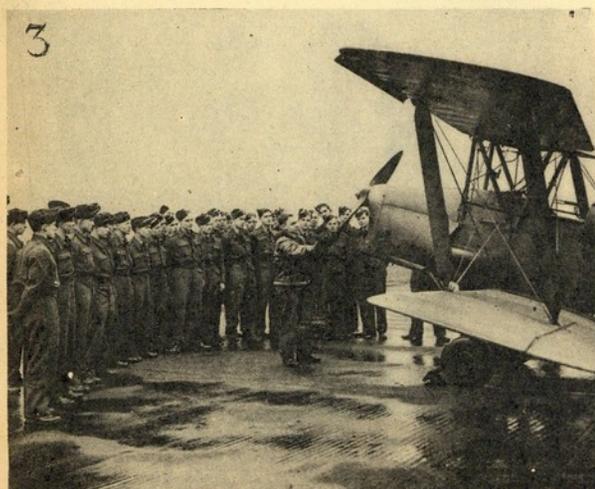
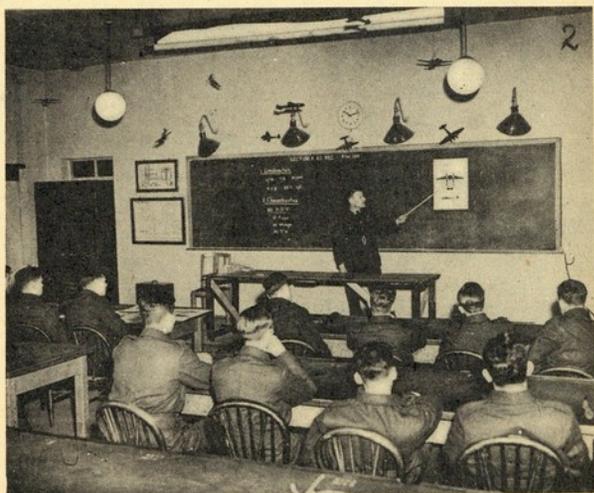
São, portanto, rapazes — digamos — seleccionados, os que passam por todos os ares, levando sobre o peito o emblema da R. A. F. e dentro um coração consciente do seu valor — que é a única forma de actuar com segurança confiante.

1 — Numa escola elementar, os rapazes começam por aprender a empacotar o paraquedas — operação nem sempre fácil, se nos lembrarmos de que são feitos com 25 metros de seda...

2 — Depois, entre muitas outras coisas, é preciso aprender a reconhecer, ao menor golpe de vista, os tipos de cada um dos aparelhos: inimigos e aliados.

3 — Enfim, entra-se nas aulas práticas. Já não se faz aviação dentro de salas. Em pleno campo, começam a aprender a dar a volta ao bêlice de um aparelho.

4 — Os pilotos estão na forma. Vôam já sozinho, fazem acrobacias. Possivelmente, já fizeram a sua surtida ao campo inimigo, para se familiarizar com a guerra. Aqui os vemos consultando o quadro das suas horas de vôo.





“...é que morreu Avelino de Almeida...” O MAIS PACIENTE MESTRE DOS JORNALISTAS

NÃO é o caso de dizer, como na «Verbeia de la Paloma», que Avelino de Almeida andava «carredera alta, carredera baixa», mas sim da Rua da Quintinha para o «Século», dêste para o Parlamento, onde redigia os discursos dos dignos Senadores e Deputados, e excepto uma ou outra excursão pelo Chiado, regressava ao ponto de partida. Ali, aguardava-o sua mãe, a casinha muito limpa, a biblioteca e, engulidas repousadamente as sôpas bem temperadas do almoço ou do jantar, voltava ao «Século». Calvo, de pele reluzente como uma bola de bilhar, de uma gordura que não chegava a ser obesidade, gastou sesenta e tal anos de existência entre o «Século» e uma ou outra incursão no jornalismo pantletário da época.

Dias antes de morrer, diabético, supliciado com duas injeções diárias, ainda conversei com ele. E sempre bom camarada, aconselhava conversando, ensinava sem ofender a universal ignorância dos colegas.

— Sim... Vou mal! Mas espero ainda vencer esta grande crise, continuar no meu trabalho, não deixar o «Século»... E, então, por doença! Seria uma vergonha. Calcule! E quem escreveria o artigo de fundo? E o «Cinéfilo»? O «Século da noite» precisa de mim. Suspendeu. Reaparecerá. Há a secção do estrangeiro. Preciso de fazer as anotações de geografia, de política eclesiástica, de política...

E batia no calçada o pé doente, a côxa sem flexão, inteiriçada, parecendo milagroso a todos a estranha energia daquele corpo débil, queixoso de todos os transtornos de tempo ou moléstias de alimentação mas cujos inveterados hábitos de trabalho nada conseguia arrancar.

Nada — excepto a Morte.

Pois já escrevi acima que a foice viera e o levava, destino comum a todos os mortais, — porém, extremamente sensível para todos os jornalistas que com Avelino trabalharam e nele tiveram paciente mestre. Longe estava de suspeitar da grande perda havida, para mais que Pereira da Rosa obrigara o jornalista-mestre a um repouso forçado — «Você, Avelino, faz só o «Cinéfilo», ouviu?» gritava-lhe na sua bondade autoritária — quando, a meio da tarde fui encontrar Jaime Brasil debruçado em lágrimas.

— Que se passa, homem forte, céptico inacessível às emoções humanas?... — grajejei.

E ele, Brasil, muito sério:

— Não brinco, Sá Pereira. Tenho de fazer uma necrologia mas, uma entre milhares publicadas e por publicar mas, desta vez, custa-me muito, mas muito... é que, calcule você: — morreu há pouco o Avelino de Almeida!

— Diabo!... Diabo!... — e fiquei-me um longo espaço de hora a coçar a orelha, quasi a arrancá-la, sem poder rir nem chorar, sem desafio algum para os nervos inteiriçados doentamente.

E todos os outros sofriam a perda não menos intensamente, como se de pessoa de família se tratasse, mas cada qual exprimindo o sofrimento de modo muito pessoal.

Agora o recordamos, e por igual sofremos.

E que Avelino de Almeida acompanhava a trajectória de todos os companheiros, devido à sua reconhecida virtude de ser, essencialmente, um excelente camarada — e um camarada sem exclusivismos, pródigo em dar do muito que sabia, obstinado até à rubugem em nada receber.

Recebera uma sólida educação eclesiástica. No temor de ser um mau padre, ou pelo menos um padre não-conformista, irregular, preferia aos votos o jornalismo. Fizera «A Lanterna», semanário famoso. Mas defendera, no período pré-republicano, as prerogativas do clero e das ordens

com o mesmo vigor com que atacara o regalismo. Extrema era a sua ternura pelas Irmãzinhas dos Pobres. Enorme a sua indignação ao verificar que, suprimidas em Lisboa, subsistiam no Porto. Sentia, também, a supressão da cultura eclesiástica.

— Veja: só há confusão. É novo mas observe, há-de chegar às mesmas conclusões: o regime perde, e nada fica a substituir o muito que essa gente desinteressada sabia ensinar.

E recalava no caso das Irmãzinhas dos Pobres:

— Até as cascas de batata recolhiam e, depois, com facas afiadíssimas, tudo aproveitavam raspando as peles. No tempo da ervilha e da fava, pediam as vagens para engordar vacas e criar porcos. Tudo para os pobres! Iam aos cafés pedir o «pé» e, fazendo-o reterver em boas águas, passavam-no de novo e serviam, assim, milhares de litros de café e leite! Tudo aproveitadinho, nesta cidade imensa! Oh! Que falta para a pobreza envergonhada — famílias inteiras de desvalidos cuja subsistência dependia das Irmãzinhas.

Se foi o primeiro redactor responsável que conheci no «Século», tendo-lhe sido entregue por Tito Martins, foi, por igual, o último com que tratei. De uma humanidade profundamente toloiana, deu-me a trajectória do serviço a desempenhar.

— Vá a Pedrouços e a Algés, Lisboa, que não tem casas, converteu-se as praias, com as suas linhas de «casetas» balneares, em refúgio de desvalidos. É porco e deshumano... Ora o sr. Silva Graça deseja, precisamente, exumar esses aspectos indignos da nossa capital. Varrer esse lixo. Vai o fotógrafo. Tem, aí, matéria para alguns bons artigos... Quere experimentar?

Horas decorridas, rescendia a algas, a pedras e lódo inclassificáveis, mas a triste humanidade lazarenta, abrigada nos tugúrios, estava fotografada e reünida num artigo de conjunto do «Século da Noite». Com todos os vícios e artificios das recentes polémicas na imprensa social e sindical, a prosa, feitas algumas adições e reduzida em expressões de nitido barbarismo, lá apareceu suficientemente escoreita para circular e... de certo modo, agradar — uma vez que o público tinha o paladar forte e reclamava infusões saturantes e espessas.

Descrevo o caso devido ao seu valor sintomático. Edição de acentuado cunho literário, o «Século» vespertino ia do «...fumo do meu cigarro» à ficção anti-irresistível da «costureira».

Porque, no referente ao «Século» da manhã, a pena de Avelino de Almeida tanto recortava, com elegância, o editorial, como a reportagem estuante de actualidade.

Recém-chegara de Angola, em episódica viagem, quando me ocorreu publicar, no «Diário de Lisboa», uma crônicazinha de impressões: «...chá para os da terceira». Horas passadas, Avelino felicitava-me em pleno Chiado e aconselhava a continuar naquele género, dizendo:

— E preciso olhar a vida a sério, não lhe negar quanto ela tem de trágico. Mas preciso é, também, realizar essa missão de verdadeiro jornalismo descritivo dotando a narrativa dos seus dois encantos fundamentais: brevidade e sinceridade. Você pode fazer uma e outra coisa se quiser. Neste caso, mais que em nenhum outro, querer é poder. Você conhece a vida íntima das classes humildes, o inferno do desemprego, a alegria votiva do trabalho compensado. Descreva-os. Leia, rejeia; escreva e rasque. Emende-se. A vida contemporânea excede, inutilizando-os, pulverizando-os, os quebradiços moldes clássicos da novela, do conto, da peça, do argumento, da simples pintura de costumes ou de íntimas psicologias. Outro público reclama outra leitura — nem melhor nem pior. Outra.

Na complexidade humana, dolorida e ruidosa, desse homem cuja influência foi profunda em quantos frequentaram a escola do «Século», sibilavam as corréias com que se disciplinava, domando-se a hábitos de trabalho para o desempenho de tarefas brutais. Por isso, horas antes de morrer, patinhava ante nós os pés e os joelhos sem flexão e teimava em subir à redacção:

— Hei-de vencer esta crise! — e, abanando o marfim polido do crânio e arcando os olhinhos finos, perspicazes, prosseguia:

— E quem escreveria o «Cinéfilo»? E quem escreveria os «fundos»? Deixar de trabalhar por doença? Oh! Que vergonha...

E, pouco depois, a solução, Jaime Brasil, olhos azuis avermelhados, lamentosos, ante o raspar do papel de imprensa pela fricção da estilográfica, informava-me:

— ...é que... morreu o Avelino de Almeida e tenho de fazer a necrologia!

O soldado caído no pósto de combate era substituído por outro. A batalha sem fim prosseguia!

CONSIGLIERI SA PEREIRA



Da esquerda para a direita de pé: — Os jornalistas Eduardo de Sousa, Carlos Ferrão, Consiglieri Sá Pereira, Raposo de Oliveira, Ulrico de Magalhães, o capitão da marinha mercante, Silva, o jornalista Alberto de Oliveira, o oficial piloto, Sousa, o radiotelegrafista O'Donnell, o jornalista Norberto Lopes. Da esquerda para a direita, sentados: — Os jornalistas Avelino de Almeida, Mário Salgueiro, Hercúano Nunes e Feliciano Santos.

CALCADA DA GLÓRIA

INQUÉRITO

MUITOS dos nossos escritores estão preparando, literariamente, as malas para fugirem de Lisboa, por algumas semanas. Uns irão para a tapeçaria azul do mar, outros para a geórgica doirada dos campos e das serras; mas se é certo que, para quasi todos eles, o trabalho constitui uma das mais agradáveis formas de repouso, nenhum deles deixaria de preparar, pensamos nós, sob os largos toldos coloridos ou sob as grandes árvores patriarcais, as suas novas obras literárias. Em que iriam trabalhar os nossos escritores nas suas próximas férias? Aqui estava um inquérito ameno e, sem dúvida, sugestivo. Não seria fácil, evidentemente, ouvir todos os escritores portugueses — como sabem os escritores portugueses contam-se por alguns milhões — mas, pelo menos, como índice, não seria inoportuno ouvir alguns deles, ao procurado acaso dum encontro, no nosso *Chiado literário*. Em que obra vai trabalhar nas suas férias? — eis a pergunta. As respostas são as que se seguem, proferidas no ar quasi instantâneo duma bomba que rebentasse em pleno céu azul.

Aquilino Ribeiro:

— Vou para a Beira, meu amigo, trabalhar no Volfrâmio... Preciso muito de mineral...

*

Augusto de Castro:

— Depois do êxito da *Viagem no meu jardim* aproveitarei as férias para escrever o *Passeio no meu quintal*... Espero que seja uma autêntica beleza de hortaliça!

*

Ramada Curto:

— Darei os últimos toques e retoques na minha célebre revista *O Jôgo do Diabo* e prepararei o 2.º volume do *Diário da Maria José* — perdão... — do José Maria...

*

António Botto:

— Aqui passarei as minhas férias, sob este calor maravilhosamente tropical... Não descansarei. Em Outubro sairá *Margarida vai à fonte* e outros poemas.

SAL... E PIMENTA



O primeiro que olhou
O Pimenta, espirrou;
Tal o espanto profundo!
Já o segundo
Se aproximou ligeiro.
Veio o terceiro
Atirou-lhe um dichote.
O quarto chegou
Deu-lhe um piparote.
O quinto ousou
Tirar-lhe o chapéu
E as luvas — oh céus!
O sexto apareceu
E o excomungou,
Por graça, «Laus Deos»!

*

Bem certo o ditado:
O que é singular,
Se é muito falado
Torna-se vulgar.

FREI MATIAS

António Corrêa de Oliveira:

— Parto dentro de três dias para Belinho onde vou concluir *Os Lusitadas*...

António Sérgio:

— As minhas férias vou dedicá-las à revisão das provas dum novo ensaio: *Filósofos e pensadores do Chiado*.

LITERARIO

Gustavo de Matos Sequeira:

— Tenciono passar as férias em Palhavã a escrever a *História do Teatro Júlia Mendes*... Deve dar três volumes!

*

Artur Portela:

— Espero aproveitar os meus dias de licença para acabar um novo livro: *Os vivos calam-se!* É a continuação dos *Mortos falam!*...

*

João de Barros:

— Parto amanhã para a praia de Santa Cruz. Tenciono dar ali a última demão no meu novo e apoteótico livro de versos: *Eiroses do Mar*...

*

Luís Forjaz Trigueiros:

— Se tiver férias, concluirei um volume de histórias para a «Parceria António Maria e Peras»: *Já não há estrélas no Céu*...

*

Joaquim Paço de Arcos:

— Aproveitarei a minha estada no Minho para iniciar o meu novo romance *Ana Paula e o Bom-Jesus do Monte, amores e devaneios*...

*

José Ribeiro dos Santos:

— Costumo passar as minhas férias no comboio de Cascais. Este ano não faltarei à regra, mas, mesmo em trânsito, trabalharei num volume de memórias: *Ida e Volta*.

*

Eduardo Dias:

— Passei as minhas férias em Luso, férias que aproveitei para continuar a estudar os problemas orientais. Em fins de Setembro sairá um novo livro meu: *As cuecas de Gandhi e o Islão*.

*

José Guerreiro Murta:

— No Algarve, para onde parto por estes dias, ultimarei um trabalho para a Livraria Sá da Costa: *Como se não devem ler os escritores modernos*.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

O REI MIGUEL

DA ROMÉNIA

É O SOBERANO MAIS NOVO DA EUROPA

FOI EDUCADO COM RAPAZES DE
TODAS AS CLASSES SOCIAIS E
REPRESENTANTES DE TODAS AS
PROVINCIAS DO REINO

A beira do Danúbio, num dos seus mais pacíficos e idílicos recantos, ergue-se um velho castelo, sobre rochedos cercados de bosques que refletem a sua folhagem no espelho das águas. É o castelo de Sigmaringen, edificado na ribeira daquele rio, que, depois de atravessar meia Europa, chega à Roménia para morrer, exausto, na zona do Mar Negro, que banha as costas romenas junto de Valcov, Sulina e S. F. Gheorghie.

Habitava este recinto feudal, em meados do século passado, Carl Antão de Hohenzollern-Sigmaringen. Teve este príncipe três filhos da princesa de Baden, filha de Estefânia de Beauharnais, descendente de Josefina, mulher de Napoleão I. Um deles, Carol, foi o primeiro rei dos Principados da Moldávia e Valáquia, unidos em 24 de Janeiro de 1859, sob o nome de Roménia. Outro filho, Leopoldo, casado com D. Antónia, infanta de Portugal, foi pai de três varões: Fernando, Guilherme e Carlos, que fizeram os seus estudos na Escola Militar de Potsdam.

Vivendo nesta cidade, Fernando foi designado príncipe herdeiro da coroa romena, que seu tio Carlos I cingia.

Quando este morreu a 10 de Outubro de 1914, Fernando subiu ao trono, num dos momentos mais críticos da História Moderna. De sua esposa, a rainha Maria, notabilíssima escritora, teve Carol II, pai do actual rei, Miguel I.

É possível que nenhuma mocidade de nenhum reino ame tanto o seu soberano como a juventude romena o seu rei. Miguel nasceu a 25 de Outubro de 1921, no castelo de Foisor, em Sinaia — construção de tórras agudas, rematadas por flechas que trespassam, altaneiras, o céu romeno — castelo que foi o lar de seus pais: o príncipe então herdeiro, Carol, e a princesa Helena da Grécia.

Qual foi a vida desta criança? Naturalmente, a mesma de todos os destinados a altos fins, na qualidade de príncipes herdeiros.

O príncipe Miguel recebeu o título de «Grand voivode de Alba Júlia», para vincar o seu parentesco histórico directo com este príncipe «Miguel, o bravo» que há três séculos tinha reunido todos os romenos, sob o mesmo ceptro, conseguindo o que em 1500 outrora fora a «Dacia Felix» e que três séculos depois fôsse a grande Roménia. É por este motivo que o actual rei se chama Miguel, nome que não corresponde, apenas, a uma coincidência do destino, mas a uma missão da História, missão essa que se baseia em arrancar os romenos do jugo de dominação estrangeira que prossegue sistematicamente, na sua desnacionalização, abafando a sua consciência nacional e religiosa, que vai até à destruição das suas igrejas. Ele deve reunir todos os romenos sob o seu ceptro de mansuetude latina e de compreensão cristã da qual a Roménia é a guarda, por excelência, no meio das vagas de influência asiática que, — seja por que meio for — persistem em dominar a Europa.

A tradição exige que o rei participe na vida do povo, partilhando dos seus sofrimentos, encarnando as suas esperanças. Foi sob estes princípios que o rei



Miguel foi educado, isto é, de molde a que a sua consciência tenha sempre presente o seu dever. Em lugar de estudar no estrangeiro — num meio diferente da alma do seu povo — o «Voivoda» recebeu instrução na aula dum colégio de Bucareste. Preparou-se uma turma especial constituída por alunos, que representassem os diversos meios sociais, assim como das diferentes províncias do reino. Um pavilhão do palácio protegia este «Internato Reals». Foram escolhidos professores para lhes administrar a instrução respectiva. No fim do ano lectivo, todos fizeram o seu exame. O futuro rei começava a conhecer os seus súbditos, como camaradas do dever comum.

Os acontecimentos políticos fizeram-no participar da vida disrutada, alegrement, num ambiente de mocidade mas informado já da consciência plena do seu dever. A par dos seus estudos, Miguel fez a sua carreira militar, ascendendo, gradualmente de soldado raso a alferes, em 25 de Outubro de 1937, dia do seu aniversário natalício. Dois anos mais tarde, na mesma data, foi nomeado senador de Direito e membro da Academia Romena.

A sua pátria foi arrastada para a guerra. O seu exército tem lutado para cumprir a sua missão histórica, do arco dos Carpatos até às embocaduras do Danúbio, com o objectivo de reconquistar a Bessarábia e a Bucovina. O jovem «Voivoda» foi aclamado rei. Os seus antigos condiscipulos tornaram-se soldados.

Cumprem e continuarão a cumprir o dever comum para com a pátria e para com os seus irmãos de sangue, que conhecem a amargura do domínio estrangeiro.

EUGÉNIO NAVARRO

O castelo de Foisor, em Sinaia, com as suas tórras aguçadas, berço de príncipes, e onde nasceu também o rei Miguel da Roménia



PROFISSÕES HUMILDES

A EPOPEIA DO "FAZEDOR" DE BRINQUEDOS



CHAMA-SE Alfredo Jesus de Oliveira e foi em tempos serigueiro. Teve, portanto, o seu ofício. Mas, depois, vieram os contraplacados, os pegamóides e couros, as madeiras pintadas, os cromados. Tudo o que era conforto século XVIII desapareceu quasi definitivamente. A mobília perdeu o requinte das franjas, dos damascos pregueados e com folhos, deixou de dar trabalho a muita gente para empregar muita outra. O Alfredo Jesus de Oliveira foi uma vez despedido. Depois voltou a empregar-se, até que ficou de novo sem trabalho. A crise de serigueiro definia-se, pela vitória do prego amarelo, e as necessidades do lar com seis filhos e mulher — essas aumentavam. Portanto, era preciso procurar alguma coisa que desse pão, enquanto se consumisse na procura de emprego firme. Em casa, o Alfredo de Oliveira começara a «magiar»: — Os brinquedos das lojas são tão caros... Só os meninos ricos têm direito de brincar?

Não tinha êle também meninos pequeninos que se ficavam de olhos aguados a olhar as coisas lindas que as montras lhes mostravam, para lá de um vidro que era todo o seu mundo de impossibilidades?

Começou talvez por fazer bonecos articulados para os filhos. Uma tesoura, um pedaço de cartão, uma reminiscência dos bailarinos recortados em jornais que todos nós fizemos em criança — bastaram à sua imaginação e vontade de ganhar pão.

Ia, então, pelos armazens de fazendas, pedia as tábuas em que se enrolavam peças. Comprava as brochas, o prego e a tinta —, era tudo para manter a sua indústria.

* * *

Alfredo de Oliveira é hoje um homem dos seus qua-

renta e tantos anos, mora com os filhos miúdos e a mulher ali para as bandas da Sé e tem o pão garantido.

— Mas que imaginação é precisa, para interessar o público! — diz-nos êle.

Começa por aproveitar os «casos» da actualidade e explora-os com a sua deformação caricatural ingénua.

— Os jornais falaram do «burro Canário»? Pois vamos lá a apresentar o «burro Canário!» Está na ordem do dia o Beni Levy? Então vamos pô-lo a dar sócos aos espanhóis, enquanto os espanhóis o não soqueiam... Dominguin está em moda? Venha de lá o toiro que o derrube!

E vem também a Ruth e o Francis a bailar de saloios da Malveira, vem a galinha e o galo que depenicam... Tanta, tanta coisa ingénua, engraçada, que fará um gôzo doído à pequenada dos bairros pobres de Lisboa!...

— Quinze tostões! Custa só quinze tostões! Um brinquedo engraçado! Olha o «burro Canário!»...

Nunca o ouviram, ali ao cimo das escadinhas do Chiado, à hora em que não passam meninos que pedem brinquedos caros?

Corre a cidade de lés-a-lés, vende quasi sempre tudo — às vezes, até nas lojas lhe compram as bugigangas — mas, depois de apresentar uma novidade, é preciso descobrir outra novidade. Os jornais e as pessoas esquecem-se depressa dos factos e dos homens que endeusam e conduzem à aura popular. Portanto — quanta observação, quanto poder experimental da psicologia humana, ao serviço do ganha-pão! — é preciso correr atrás dos acontecimentos, arranjar outra coisa que interesse...

Estivemos ha dias com Alfredo de Oliveira, lá em casa — uma casa pequenina, onde se anda com as costas

dobradas, para não partir a cabeça no teto e onde tudo é pobreza. Os filhos, a mulher, quando é preciso, todos ajudam. Mas, principalmente o Lúcio, que já esteve duas vezes no Sanatório do Outão e que coxeia — como desejaria ter possibilidades de aprender a escrever à máquina, para ganhar a vida sentado! — esse é que é o seu braço direito. Êle «inventou» o saloio bailarino — e ninguém dirá que naquele pedaço de madeira tóscamente contornada e articulada, não há atitudes de admirável evocação artística. Francis devia ver aquêlle boneco de barrete que lhe copiou os movimentos...

O processo de construção e o mecanismo dos movimentos são os mais rudimentares: primeiro, fazem o desenho no papel. Colam-no na prancha de madeira, juntamente com o cartão que servirá de molde e serram... Depois, pintam e sarapintam o modelo, conforme lho aconselha a sua experiência, junto do mundo ingénua das crianças — e está quasi tudo pronto. É claro, antes de pintar, é preciso meter os pregos nos orifícios das articulações, uni-los aos cordéis e aos arames. Os gestos são obtidos por meio de movimentos rotativos de uma tósca esfera de barro, onde se vão ligar todos os cordéis dos corpiços de madeira. Quere dizer: conforme se tocar na esfera — assim bailam os bonecos...

— Custam quinze tostões! Quinze tostões! Última novidade...

* * *

Alfredo de Oliveira já serviu de «modelo» ao Aurélio Ferreira. Lembram-se da revista «Iscas com elas»? Um dia, estavam no ensaio e uma das artistas comprou-lhe à porta do Parque Mayer um toireiro. Lá dentro, autores e actores

FOTOS DE SERODIO

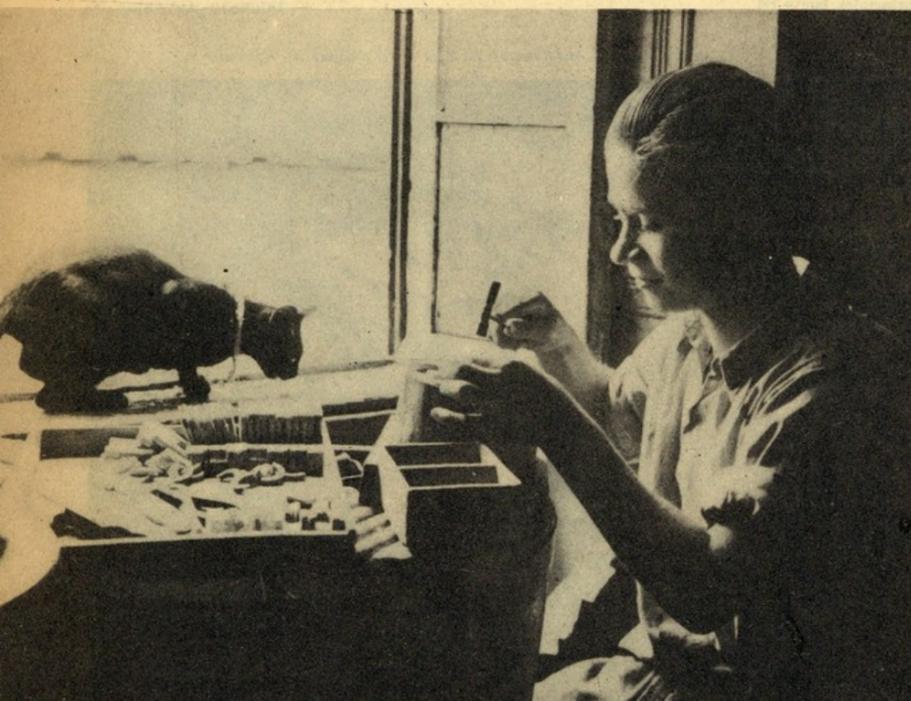


acharam graça à ingenuidade do brinquedo. Mandaram-no chamar, compraram-lhe os bonecos e, dias depois, no palco, aparecia um homem que defendia o futebol furiosamente e outro que, para vender o seu cabaz de toireiros, defendia a festa brava...

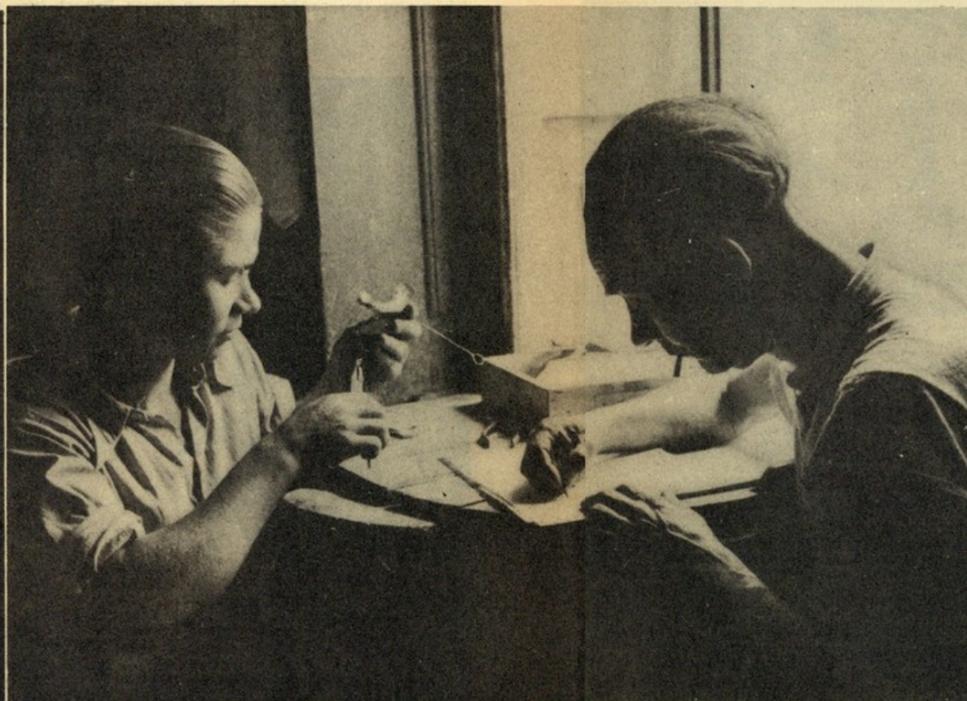
Doutra vez, o Alfredo quasi teve uma fortuna nas mãos: o «burro Canário» estava na moda. O Amarante levou-o para o palco do Apolo e, quando souberam que havia o «burro Canário» já em pau, fizeram uma encomenda de mil! Era a fortuna — mas tinha que apresentar tudo em dois ou três dias, para ser distribuído como brinde no espectáculo, e não havia forças humanas que conseguissem tanto em tão pouco tempo...

O Alfredo Jesus de Oliveira continua na sua sina de trabalho e de inventor. É uma profissão honesta mas só êle sabe quanto heroismo é preciso para ser honesto e profissional de tal arte. A vida é realmente feita, para muitos, destes degraus íngremes, dolorosos. Mas lá em cima está sempre a luz da consciência a iluminar vontades.

Grande lição, a destas vidas!



Depois de serrados os bonecos, trata-se das articulações. O bichano vigia... Um preguinho entra no orifício e o martelo faz o resto.



O boneco está pronto. O arame da articulação já foi metido. Entretanto, vão-se estudando novas janta siat....



Enfim, o trabalho está pronto. O artista ingénua faz os últimos retoques no macaquinho que vai logo pinchar entre os dedos das crianças...

O BOMBARDEAMENTO A PLOESTI

DURANTE estes últimos quatro anos, a questão dos recursos petrolíferos da Alemanha tem sido um dos temas predilectos dos comentadores internacionais — mas nem sempre o que se tem escrito, corresponde à verdade dos factos.

Foi, por isso, que o bombardeamento a Ploesti veio, mais uma vez, trazer este assunto para a primeira linha dos acontecimentos importantes para a condução da guerra.

Ploesti é uma cidade de 60.000 habitantes, situada na Valáquia, junto do rio Jalatomiza. Tornou-se um dos maiores centros produtores de petróleo da Europa, devido às quinze refinarias ali existentes que, segundo se calcula, produzem 80 por cento do petróleo extraído, anualmente, do solo romeno.

Embora o petróleo de Ploesti não seja do mais conveniente para fabricar combustível de aviação e lubrificantes, é ali que a Alemanha encontra a sua maior fonte de abastecimento.

Para o prosseguimento da guerra, julga-se que a Alemanha e os seus aliados necessitam de 20.000.000 de toneladas de petróleo por ano. Ora, o Reich quando realiza qualquer ofensiva em grande escala, gasta, normalmente, 1.500.000 a 2.000.000 de toneladas por mês e nos períodos intervalares das ofensivas nunca consome menos de 1.000.000 de toneladas.

Logo, como a Alemanha extrai 5.500.000 de toneladas da Roménia, 225.000 da Albânia, 235.000 da Hungria, 130.000 da Polónia e 1.100.000 do Grande Reich, propriamente dito, conclui-se que a restante produção é retirada das fábricas de petróleo sintético, cujo estado de desenvolvimento, apesar de impossível de calcular, deve ser extraordinário.

A descrição minuciosa da forma como tinha sido preparado o ataque a Ploesti trouxe ao conhecimento público pormenores curiosos que, segundo nos parece, ainda não foram revelados nos nossos países.

Contam os correspondentes de guerra britânicos do Cairo que os pilotos e tripulações dos bombardeiros «Liberators», que fizeram o «raid», foram especialmente treinados para esta missão.

Para o efeito, foi construída, secretamente, por uma unidade de engenharia britânica, em pleno deserto da Líbia, uma «cidade-fantasma», modelo exacto de Ploesti. As refinarias e as várias instalações suplementares foram reproduzidas nos seus mais ínfimos pormenores sob a direcção de peritos e operários especializados que ultimamente fugiram da Roménia.

Durante dias e dias seguidos, os «Liberators» sobrevoaram esta «cidade-modelo», deixando cair sobre as refinarias estilo-Hollywood, cargas de bombas não-explosivas para que os tripulantes encarregados do bombardeamento aperfeiçoassem e corrigissem as suas pontarias.

Cerca de uma semana antes do dia marcado para o verdadeiro ataque, os «Liberators» foram carregados com bombas ligeiras de acção retardada. Sobre a «cidade-fantasma» voava, nesse momento, um avião isolado, a bordo do qual se encontravam os chefes da aviação aliada com os seus Estados Maiorês.

De súbito, na linha do horizonte, apareceram 200 bombardeiros e, daí a pouco, as bombas por eles trazidas começaram a cair, em rápida sucessão, sobre a «cidade-modelo».

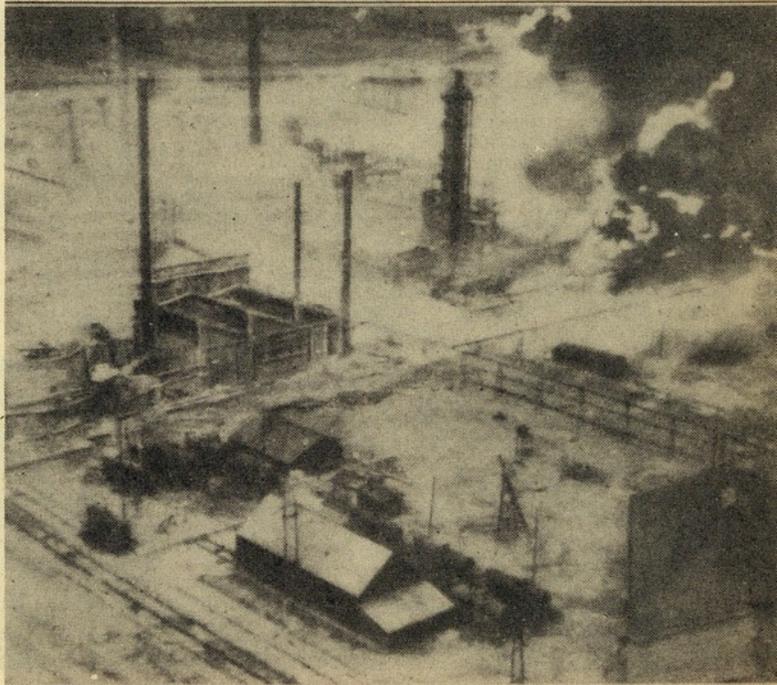
Quarenta e cinco minutos depois do primeiro avião ter sobrevoado o alvo, o último bombardeiro da formação lançou as suas últimas bombas. Seguiram-se trinta minutos de silêncio. Depois, ouviu-se uma explosão enorme que reboou pelas areias escaldantes e a Ploesti do deserto foi atirada por ares e ventos, completamente destruída.

Estava terminado o ensaio geral e os americanos estavam preparados para a «primeira representação»...



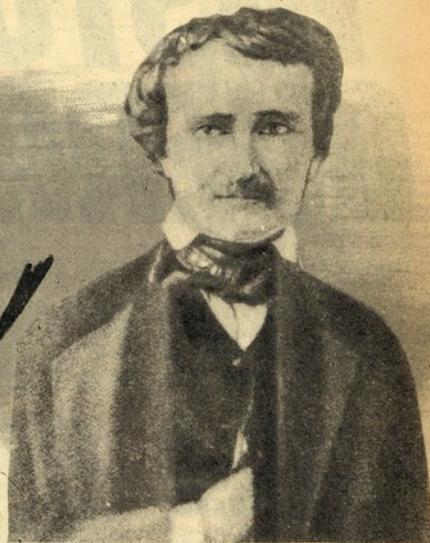
No espaço entre duas colunas de fumo denso dos edificios incendiados vêem-se três dos «Liberators» atacantes. O ataque às principais refinarias de petróleo da Roménia foi realizado por 175 destes aparelhos, que lançaram 270 toneladas de explosivos.

Esta fotografia demonstra bem a afirmação de que «as mais importantes refinarias da Roménia foram postas fora de acção, durante algum tempo». Vemos uma parte das refinarias incendiadas pelas bombas de acção retardada.



UMA LENDA QUE É PRECISO DESFAZER

Edgar Poe não foi um alcoólico!



Um dos raros retratos que ficaram de Edgar Poe

ENTRE aqueles que repelem o mau-gosto dessa «literatura» descuidada dos romances do Richbourg ou do Luis Noir, decerto houve quem se sentisse estranhamente dominado pela magestade dum estilo poderoso, sereno, eloqüente, opulento de elegância verbal e ao mesmo tempo conciso e expressivo: a prosa desse inigualável grande artista Edgar Poe.

Há na sua forma subtil e perturbantemente definidora dos mil e um estados de alma em que se reflecte cada um dos temperamentos escondidos no subconsciente, uma singular poesia mergulhada em qualquer coisa de ultra-terreno e de misterioso que nos impressiona como se um frémito de espanto momentâneo estremecesse na nossa sensibilidade. Essa força prodigiosa põe-nos em contacto com um mundo que pouco a pouco se nos desvenda, alcançando relevos extraordinários, visões que nos parecem abissos e nada mais são que uma descida rápida da consciência ao terreno sobrenatural das interrogações secretas, sem resposta e sem eco. Imagens e idéias comunicam-se num entendimento muito íntimo.

A imaginação do autor de «Annabel Lee» eliminou as fronteiras entre o mundo sensível e o mundo «ideal». O seu pensamento parecia abranger a significação dos rumos ignotos da inquietude e do sonho. Perfurava a noite psíquica — noite densa e tenebrosa — como uma verruma abrindo luz. Nunca os sentimentos e as paixões se revestiram de tão grande esplendor de lirismo. O seu talento não traçou um caminho único. Todos os géneros literários encontraram em Poe a potencialidade criadora. A unidade da sua obra, a harmonia e o equilíbrio da sua arte, fixam-se no seu grande amor por tudo o que é imutável e eterno. Quando nos apresenta a Morte, sentimos que o escritor mediu com voluptuoso heroísmo o mistério que ela esconde nas dobras da sua grandeza hierática e triunfal. E, contudo, foi em todas as manifestações do seu génio, o anti-romântico, o psicólogo, o esteta, o pensador.

O realismo trágico dos seus contos serve-se dum leve aparência de fantasmagoria que não lhe perturba a acção natural e o sentido «humano»: tem o mesmo efeito de certos instrumentos não essenciais no conjunto dum orquestra. Para isso, o seu poder descritivo traduz a originalidade que falta às páginas, mesmo as mais vibrantes, de Hoffmann. «A ciência não sabe ainda se a loucura é o último grau da inteligência», escreveu um dia. O legislador poético da *Philosophy of Composition* e o inimitável narrador de *Leonora*, foi um dos pioneiros da psiquiatria moderna. Criou a escola que tão férteis su-

gestões ofereceu a Dostoiévsky, a Villiers de l'Isle-Adam e a Marcel Schwob.

Dotado dum sensibilidade que Gordon Pryn classificou de *esquisita*, e com um sistema nervoso extremamente excitável, Edgar Poe retrata-se na sua obra. Esta é o reflexo dum agitação interior — transformada pela arte na serenidade grega da sua maneira de «construir», admirável de limpidez.

O excepcional vigor das faculdades imaginativas de Poe assombrou a sua época. Há qualquer coisa de novo naquela fantasia sobrehumana que parecia vasada nos moldes dum realismo imprevisito. Mas a incompreensão dos homens criou a lenda de que Edgar pensava e escrevia sob a acção mórbida do álcool. Houve quem chamasse ao seu génio um estado de inconsciência produzido pela embriaguez...

A inveja dos medíocres levantou a calúnia. E esta infamia covarde adquiriu para Edgar Poe a celebridade dum pobre homem frágil, arruinado pelo veneno do absinto, estrangulado pela tenaz do mais torpe dos vícios. Deve-se esta insinuação monstruosa a Rufus Griswold, seu testamenteiro literário, que na primeira edição póstuma das obras do mestre do *Poetic Principle* lançou a semente da calúnia. Os detractores de Edgar Poe surgiram de todos os lados. O autor de *Para alguém no céu* tinha já inimigos escondidos na sombra, tecendo uma intriga que era filha da impotência e da nulidade.

Pouco antes de morrer, Poe escrevia à poetisa Sara Helena Witman: «Perguntais por que se julga tão mal de mim e por que tenho inimigos? Se o que sabeis acerca do meu carácter e da minha carreira não é suficiente para aclarar essa dúvida, julgo que não me é dado sugerir a resposta. Basta dizer que tive a audácia de me conservar pobre para guardar a minha independência; que a despeito de todos os obstáculos, «trunfe» na minha profissão de escritor; que fui um crítico escrupuloso e probo, muitas vezes bastante impiedoso; nunca me esquiviei ao direito de expressar directa ou indirectamente o absoluto desde que me inspiram as pretensões da ignorância, da arrogância e da imbecilidade. E vós que sabeis bem tudo isto, perguntais «porque tenho inimigos?»

Como podia um ébrio incorrigível escrever esse maravilhoso poema cosmogónico que é *Eureka* e compor, na mais rutilante prosa, toda a poesia, toda a música irreal do *Corvo*, obra prima que por si só assegura ao nome de Edgar Poe uma vida imortal?

Foi Beaudelaire quem «descobriu» Poe na Europa. O autor das *Flores do Mal* e dos *Parasitos Artificiais* dedicou dez anos da sua curta vida à tradução das obras de Poe. Chegou a vender os livros da sua bi-

blioteca particular, para custear a edição das traduções!

Desde então, Edgar Poe passou a ser, não um escritor americano, mas um génio universal.

Lewis Pattee na sua *Literatura dos Estados Unidos* anota que «Poe permanece solitário entre os escritores da sua época». Nenhum outro homem de letras atinge as alturas quasi inacessíveis a que chegou o autor de *Ulalune*. A obra que edificou é enorme e vasta como um desses monumentos ciclópicos da antiguidade assíria, cuja grandeza apercebemos ainda hoje, sentindo-lhe o poderoso influxo através dos vestígios que deixaram; e como esses blocos gigantescos, a miséria do escritor condenou a maior parte dessa imensa acumulação de novelas, críticas, contos e poemas, à dispersão, transformando tão exaustivo esforço numa bagagem literária fragmentada e esparsa, disseminada por jornais e revistas: ficaram-nos vestígios da imaginação potentíssima do criador de *Berenice*. Dessa prodigalidade mental sem limites, ficaram para a posteridade alguns livros.

A glória abre-lhe os portões dourados quando ele desaparece na voragem da morte. O mundo perdia o maior de todos os insatifeitos de beleza, a mais complexa e delicada alma de artista que se debruçara serenamente nas profundezas do mistério. Quando se lê essa obra prima que é a *Ligeia*, devora-nos um espanto mudo e terrível, absorvemo-nos numa atmosfera de sonho perturbadora e desconhecida. A subtilíssima garra do imponderável arrasta-nos para as regiões da sombra, e faz-nos ver o que parece existir para além de toda a percepção humana, segredando-nos aos ouvidos do espírito um terror sagrado...

A força dum inspiração que constantemente animava a sua pena guardava só para ele sortilégios e magias indefiníveis. Através do colorido das descrições, do turbilhão vertiginoso das imagens, das criações arripantes, das tendências para o macabro e para o indecifrável, desde o *Gato Preto à Morte Vermelha* — verifica-se, na sua obra, um surpreendente equilíbrio de inteligência que contribue para destruir a lenda de que Edgar Allan Poe foi um alcoólico.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XXI - A participação americana

3

O ENTENDIMENTO ANGLO-AMERICANO

No dia 17 de Janeiro de 1942 o sr. Churchill regressou de avião a Londres, depois de ter feito uma curta paragem nas Bermudas. Acompanhavam o Primeiro ministro britânico os peritos políticos e militares que o tinham auxiliado durante as conversações que tivera com o Presidente dos Estados Unidos. A sua chegada a opinião pública na Brã-Bretanha mostrava-se claramente dividida. O entusiasmo com que o sr. Churchill foi acarinhado pela população tinha uma contra-partida no ceticismo com que, em alguns meios políticos e parlamentares, era seguida a condução da guerra por parte do gabinete da sua presidência. Esse ceticismo era, em grande parte, consequência da evolução da luta na Ásia e no Pacífico onde se afirmava a ofensiva nipônica e se revelava o estado de impreparação dos ingleses e americanos.

Além disso, era evidente que a Austrália se mostrava pouco satisfeita com o sistema de consultas que vigorava até àquela data entre as várias parcelas da Comunidade britânica e desejava um lugar no gabinete de guerra que tinha a sua sede em Londres. A ameaça nipônica aproximava-se em cada dia que passava, das costas australianas e esse facto criava naquele Dominio britânico um estado de nervosismo compreensível o qual se traduzia, no plano da política interna, por uma crise ministerial que levava os trabalhistas ao poder, e, no plano geral da guerra, pelo pedido de regresso ao país das forças australianas que se encontravam fora dele e que se haviam batido em África e no Próximo Oriente.

A Austrália pedia que lhe fossem enviados aviões e tanques, artilharia

anti-aérea e navios, e pedia, ao mesmo tempo, que a estratégia seguida na Ásia e no Pacífico fosse completamente revista e a sua realização confiada a um organismo novo em que estivessem representados todos os países banhados por aquêle Oceano, organismo que devia dispor dos necessários poderes para agir, com inteira liberdade de movimentos e com os recursos adequados às exigências da luta. Essas pretensões haviam sido objecto duma parte importante das conversações realizadas em Washington.

AS DECLARAÇÕES DO PRIMEIRO MINISTRO

O sr. Churchill decidiu enfrentar os adversários da sua orientação provocando um debate na Câmara dos Comuns e exigindo a confiança total ao Parlamento para a sua política de guerra. O debate teve lugar em fins de Janeiro, e no dia 27 o Primeiro ministro fez a sua esperada declaração sobre o que se passara em Washington e sobre o estado da guerra nos vários teatros de operações.

A condução da guerra estivera até àquêle momento, segundo as suas declarações, confiada a um número muito restrito de pessoas. A circunscrição de, entretanto, se terem estreitado os laços que uniam o Império britânico aos seus aliados, (Estados Unidos, U. R. S. S. e China) levava a modificar esse sistema. Nas suas conversações com o Presidente dos Estados Unidos fora, sobretudo, apreciada a situação no Pacífico e encorajadas as medidas a adoptar para fazer face à gravidade da situação. Essas medidas não podiam ignorar o facto essencial de que um dos aliados do Império britânico, que podia tomar uma parte activa na luta contra o Japão, tinha com este país um pacto de amizade. O sr. Churchill referia-se à U. R. S. S., para acentuar as dificuldades que resultavam do facto de esta última potência se manter alheia ao conflito que existia entre o Império nipônico e as potências anglo-saxónicas.

Das conversações realizadas em Washington resultara a constituição duma Comissão comum dos Estados-

-Majores anglo-americanos a qual devia abranger o conjunto da guerra em todas as suas modalidades (militar, económica, propaganda, etc.). Essa Comissão trabalharia com independência mas, no caso de surgirem divergências entre os seus membros, a decisão competia ao Presidente dos Estados Unidos em colaboração com o Primeiro ministro da Grã-Bretanha. Praticamente estes dois homens de Estado passavam a ter o encargo de orientar a aliança anglo-americana que assim era revelada ao público dos dois países.

OS ACÓRDOS ANGLO-AMERICANOS

No dia 27 de Janeiro era publicado em Londres um Livro Branco sobre os acordos realizados entre os srs. Roosevelt e Churchill. Esses acordos diziam respeito à fabricação e utilização, em comum das matérias-primas, material de guerra, munições e navios dos dois países. As individualidades anglo-americanas encarregadas de superintender nessa fabricação e utilização deviam conferenciar e chegar a acôrdo, sempre que isso se tornasse necessário, com os representantes dos governos russos e chinês. O resultado mais importante da celebração destes acordos era a utilização em comum, pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos, de todos os recursos dos dois países em armas, munições, equipamentos de guerra e navios mercantes.

Foram nomeadas as seguintes individualidades inglesas e americanas para superintender, em conjunto, nesses assuntos: munições, os srs. Harry Hopkins (americano) e Lord Beaverbrook (inglês); marinha mercante, o almirante Emory Land (americano) e Sir Arthur Salter (inglês); matérias-primas, os srs. William Batt (americano) e Clive Baillieu (inglês). Lord Beaverbrook, que era nessa fase da política inglesa um dos mais directos colaboradores do Primeiro ministro, tomou nas conversações e na realização dos acordos que deles resultaram uma parte muito importante.

No dia 24 de Fevereiro foi publicado o Livro Branco americano sobre os acordos celebrados entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha para a realização dos objectivos e para a utilização dos recursos comuns dos dois países o qual era muito mais completo e elucidativo do que o documento que havia sido publicado em Londres sobre o mesmo assunto. Esse Livro Branco, segundo o seu próprio título, inseria os princípios mútuos a aplicar na prossecução da guerra contra a agressão e ficou conhecido nos dois países interessados pela designação de Acôrdo principal anglo-americano (Master Agreement). A sua importância revelava-se em cada uma das cláusulas que o compunham e cuja execução devia depois realizar-se efectivamente.

PRINCÍPIOS E ACÇÃO COMUNS

O Acôrdo principal anglo-americano incluía uma declaração de princípios e, no seu último artigo, acentuava que os dois países signatários encaravam a reconstrução do mundo depois da guerra sobre a base dos que havia sido publicados em Londres sobre o mesmo assunto. No preâmbulo os dois governos declaravam que se encontravam envolvidos numa guerra, ao lado de outras nações, afim de estabelecerem uma paz que trouxesse



Lord Beaverbrook

para o mundo o império da lei e da justiça.

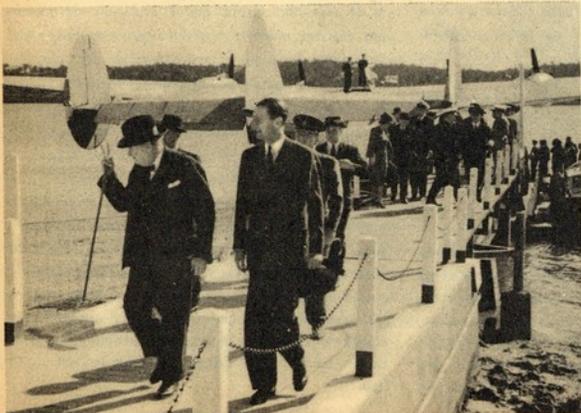
Em seguimento do Acto do Congresso de 11 de Março de 1941, afirmava o documento publicado em Washington. Acto que considerava a defesa da Grã-Bretanha essencial para a segurança dos Estados Unidos, este último país continuaria a auxiliar a Grã-Bretanha, na luta em que esta se encontrava envolvida, com todos os seus recursos. Ficava assente que as condições em que a Grã-Bretanha devia pagar este auxílio seriam determinadas depois que elle houvesse produzido os seus efeitos e no quadro da paz a estabelecer depois de terminadas as hostilidades.

O preâmbulo acentuava ainda que os dois governos se mostravam desejosos de concluir um acôrdo preliminar para prover à sua defesa comum, devendo desse acôrdo resultar os actos, as condições e as formalidades que, executadas no quadro das leis vigentes nos dois países, deviam conduzir à realização dos objectivos comuns. A execução do Acôrdo, cujas cláusulas principais inserimos a seguir, fez-se depois sem dificuldades de maior provando-se que a máquina montada pelas conversações de Janeiro de 1942 era susceptível de funcionar regularmente e com rendimento apreciável e que a colaboração anglo-americana, que tinha sido encerrada com dúvidas compreensíveis, entrava no dominio das realidades e dos factores de negável importância que deviam condicionar o prosseguimento da luta não apenas no terreno da acção militar mas também no terreno da cooperação económica.

O TEXTO DO ACÓRDO

Eis o texto do Acôrdo anglo-americano concluído em consequência da viagem do sr. Churchill a Washington.

Art. 1.º — O governo dos Estados Unidos da América continuará a fornecer ao governo do Reino Unido os artigos, serviços e informações que o Presidente autorizar que sejam fornecidos ou transferidos para a defesa daquele país.



No seu regresso de Washington, Churchill, que viajara de avião, teve uma curta paragem nas Bermudas.

Art. 2.º—O governo do Reino Unido continuará a contribuir para a defesa dos Estados Unidos da América fornecendo-lhe os artigos e serviços e prestando-lhe as facilidades



e informações que estiverem na sua alçada.

Art. 3.º—O governo do Reino Unido não poderá, sem o consentimento do Presidente dos Estados Unidos, transferir o título ou a posse de qualquer artigo ou informação, fornecidos para sua defesa, a qualquer indivíduo ou entidade que não estejam diretamente dependentes do governo do Reino Unido.

O art. 4.º dizia respeito à proteção a conceder aos cidadãos norte-americanos que, por virtude da aplicação dos artigos anteriores, viessem a ser afetados nas suas pessoas ou interesses. O art. 5.º determinava que, no fim da guerra, seriam devolvidos aos Estados Unidos os artigos que não tivessem sido perdidos ou destruídos ou aqueles que viessem a ser pedidos pelo Presidente para defesa do território nacional ou do hemisfério ocidental. O art. 7.º determinava que, no

ajustamento de contas final, o governo do Reino Unido reconheceria plenamente o valor das propriedades, serviços, facilidades e informações que lhe fossem cedidos ou prestados a partir de 11 de Março de 1941, data da aprovação do Acto de auxílio americano à Grã-Bretanha pelo Congresso. O art. 7.º, sem dúvida o mais importante do Acórdão que tinha as assinaturas de Lord Halifax e do sub-secretário de Estado americano para os Negócios Estrangeiros, Sumner Welles, determinava que o ajuste de contas a realizar no termo das hostilidades não devia nunca constituir uma sobrecarga para as futuras relações económicas entre os dois países, mas contribuir para que essas relações melhorassem no quadro geral das condições económicas previstas para todo o mundo.

O CONSELHO DO PACIFICO

As perspectivas da guerra no Pacífico levaram os dirigentes anglo-americanos a encararem a necessidade da criação imediata dum organismo que, em contacto estreito com os governos aliados, pudesse enfrentar as dificuldades que não deixavam de se acumular naquele teatro de operações. Esta ideia inicial cristalizou na constituição do Conselho de guerra do Pacífico, cuja sede inicial era em Londres, e no qual deviam estar representados os seguintes países: Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia, Holanda. Este Conselho devia estar em contacto com os chefes dos vários serviços e do Estado-Maior britânico. Entretanto os governos da Austrália e da Nova Zelândia manifestaram o desejo de que este Conselho tivesse a sua sede em Washington e que os seus contactos fossem estabelecidos com a Comissão dos Estados-Maiores anglo-americanos cuja instituição acabava de ser anunciada.

O general Wavell foi nomeado



comandante para a área do sul do Pacífico, área Abha (América, Grã-Bretanha, Holanda, Austrália) enquanto se encarava a necessidade de nomear um novo comandante-chefe para a área do sudoeste ou área Anzac (América, Austrália, Nova Zelândia). As comunicações com esta última área passaram a ficar sob a responsabilidade dos Estados Unidos, enquanto as comunicações com a primeira eram da responsabilidade da Grã-Bretanha. Entretanto os acontecimentos no Pacífico precipitavam-se e a perda de Singapura (Fevereiro) e das Índias Holandesas (Março) tiravam à área confiada ao general Wavell uma parte, sem dúvida a mais importante e valiosa, do território que pretendiam confiar à sua autoridade. Em Março o general Mac Arthur abandonava as Filipinas e assumia o encargo da defesa da Austrália e de toda a área do sudoeste do Pacífico, mais ameaçada do que nunca. Em 19 de Abril o general Mac Arthur via as suas atribuições definidas pela sua nomeação para o cargo de comandante-chefe naquele teatro de operações.

A PRIMEIRA REUNIÃO

A primeira reunião do Conselho do Pacífico em Londres realizou-se a 10 de Fevereiro. Estiveram presentes a essa reunião, que se revestiu da maior solenidade, os srs. Churchill, Eden e Attlee, pelo governo britânico; dr. Gerbrandy e van Verduynen, pelo governo holandês; Sir Earle Page, Austrália, o sr. Jordan, pela Nova Zelândia, e o Secretário de Estado para a Índia, Amery, em representação deste último país. Além destas individualidades políticas assistiram à reunião os chefes militares britânicos general Alan Brooke, pelo exército,

almirante Sir Dudley Pound, pela armada e o marechal do Ar Sir Charles Portal, pela aviação.

Mas o Conselho do Pacífico com a sua sede em Londres, e a escolha desta cidade obedecera mais a motivos de ordem política que de ordem militar, cedo se revelou uma solução artificial para as dificuldades que não cessavam de se agravar. O centro da actividade militar do Pacífico estava em Washington e não tardou muito tempo a reconhecer que uma estratégia eficiente a aplicar naquele teatro de operações devia partir das resoluções tomadas nesta última cidade. O mecanismo previsto para a capital inglesa obedecia ao reconhecimento da autoridade britânica sobre os Domínios da Austrália e da Nova Zelândia mas as considerações desta ordem passaram para segundo plano à medida que o avanço nipónico se acentuava e as posições vitais que os anglo-americanos detinham no Pacífico se iam perdendo sem esperanças de uma recuperação próxima ou imediata como desejaríamos australianos e neo-zelandeses ao reconhecerem o perigo iminente que corriam as suas fronteiras e a sua segurança. O reconhecimento destas realidades constituiu o primeiro passo para uma modificação radical da situação criada pela instituição em Londres do primeiro Conselho de guerra do Pacífico.



O CONSELHO EM WASHINGTON

Em 30 de Março o Presidente dos Estados Unidos anunciou oficialmente a criação do Conselho de guerra do Pacífico, com sede em Washington. Dêle deveriam fazer parte os representantes dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Austrália, da Nova Zelândia, da China e da Austrália. As suas atribuições eram consultivas e devia manter um contacto estreito com o Conselho de guerra do Pacífico que fora constituído em Londres. Ao

anunciar a formação do novo Conselho, o Presidente Roosevelt declarou que o prosseguimento da guerra no Pacífico só podia conceber-se sobre a base dum entendimento

estreito e sincero entre todas as nações que estavam interessadas na luta contra o Japão. O Conselho de guerra do Pacífico efectuou a sua primeira reunião no dia 1 de Abril e depois dessa data tem sempre funcionado com regularidade havendo tomado decisões de grande importância, tanto sob o ponto de vista da condução da guerra como da preparação política dessa condução.

As conversações de Washington, os acordos que delas resultaram e os organismos a que deram origem, serviram para estreitar as relações anglo-americanas no quadro geral da guerra. Os dois países realizaram uma aliança militar efectiva para o período de duração da guerra actual. Essa aliança militar não foi, porém, acompanhada de qualquer compromisso político. Nenhum acordo e nenhum pacto comprometendo as suas relações para o futuro se celebraram entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. A política externa deste último país é conduzida em moldes especiais que não consentem nem aceitam o princípio das responsabilidades a distância. O Senado norte-americano desempenha na condução da política externa do país um papel capital. Tradicionalmente o Senado deseja examinar cada caso que se lhe apresenta. Foi assim em 1917 e foi assim em 1941. O facto de, em ambos os casos, êle se ter limitado a sancionar a política presidencial não impedindo nem evitando a entrada do país na guerra não significou nunca que êle tivesse abdicado das suas prerogativas ou da sua orientação tradicional.

(Continua)

MEDICINAL

PASTA COUTO

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou bismuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, Lda. Porto

APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil

Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

Vida MUNDIAL

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$000	6 meses (26 números)..... 40\$000
6 " (26 ")..... 26\$000	12 " (52 ")..... 80\$000
12 " (52 ")..... 52\$000	
ÁFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
12 meses (52 números)..... 68\$000	6 meses (26 números)..... 47\$000
	12 " (52 ")..... 94\$000

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrank (Irmãos), Lda — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2.6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

7 dias de CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO



Melvyn Douglas e Myrna Loy, um casal feliz num filme de que são intérpretes, claro está...

O último número de «Screen Guide» chegou a Lisboa vem cheio de notícias sensacionais. Cada uma das suas páginas tra-nos uma surpresa. Aqui, um novo filme que atrai as atenções gerais; acolá, um romance ou um divórcio, que se anunciam. Mais adiante, a inevitável nota das repercussões da guerra entre a gente da Cinelândia. Este retrato fala-nos duma vedeta que todos nós admiramos. Aquela crónica explica-nos um facto aparentemente incompreensível. Querera o leitor folhear comigo, o número do «Screen Guide»?

* * *

O problema do amor absorve algumas páginas da publicação. Trata-se dum assunto velho — sempre novo, mormente na Cinelândia, onde as vedetas não o deixam cristalizar em formas estáveis. Por que motivo é que as estrelas se casam e descasam, com tamanha desventura?! Por mais que os psicólogos porfiem, não acertam numa resposta. «Screen Guide», baseando-se na observação dos factos, afirma que o amor em Hollywood nunca amadurece em noivados mais ou menos longos. Os artistas correm para junto do pastor com a mesma facilidade com que combinam jantar num «night-club»... Achem que entre um «slow» e o casamento a diferença não é muito grande... E quando a corrente de simpatia lhes faz parecer a dança breve, não hesitam... Depois, vêm as desilusões. E nem sequer se dignam reconduzir a dama ao seu lugar...

Outro fenómeno frequente: ela ou ele, artistas de idêntico nível, destacam-se, mercê dum filme, no firmamento cinematográfico... Por outras palavras — não acertam o passo. E o resultado não se faz esperar... O par desmancha-se.

Os casais estáveis são em regra formados por um actor, de maior ou menor projecção — e por uma rapariga, que nunca trabalhou no cinema. Exemplos: Bing Crosby, Fred Mac Murray, Gary Cooper, etc.

Tudo isto vem a propósito da anunciada separação de Judy Garland e Dave Rose. Aqui, aliás, interveio outro factor: o amor. Ambos se apaixonaram outra vez: ela, por Baron Polan; ele, por June Allison. E como o casamento, segundo pretendem, é um jogo de azar, tudo se resolverá em bem, de acordo com a moral americana. Baralha-se e torna-se a dar...

* * *

Não julguem, porém, que não há constância... Lana Turner e Stephan Crane estabeleceram um «record», difícil de igualar: casaram-se três vezes, um com o outro... A história é complicada em demasia, para a destrinçar por fases e datas... Digamos apenas que houve que legalizar, duas vezes, a primeira união... E chega-se a esta conclusão sentimentalmente desoladora: é mais simples desfazer o nó, do que dá-lo, mesmo com pouca força...

* * *

A senhora Chang-Kai-Scheck foi homenageada no Hollywood Bowl. As estrelas mais famosas sentaram-se entre as assistentes. Mas a estrela da festa, comenta o autor da reportagem, foi a Primeira Dama da China — alma da resistência dum povo!

Spencer Tracy e Henry Fonda, este no uniforme dos fuzileiros de Marinha, proferiram os discursos de saudação. «No star can outshine Madame Chiang» — tal foi a nota sensacional da reportagem...

* * *

«Screen Guide» dá conta do romance sentimental de Dorothy Lamour. Com lágrimas nas entrelinhas, diz-nos que a vedeta famosa nunca foi feliz. Era de cortar o coração, ver uma rapariga, tão amorável e tão boa, sem encontrar a alma gémea! E a pobre Dorothy, depois do divórcio de Herbert Kay, fez o possível por acautelar o seu destino. E deram-na sucessivamente como noiva de Rudy Valle, Edgar Bergen, Randolph Scott, Greg Bautzer, Bob Preston, Wynn Rocamora e outros... Mas Dorothy, triste e desanimada, chorava a sua solidão...

Depois de Pearl Harbor, «Dothy» despiu o «sarong», envergou um «tailleur» e correu a América, como iniciadora da campanha de venda de títulos de empréstimo de guerra. Um dia, o acaso levou-a a San Bernarúno, localidade onde havia uma base aérea. No hotel onde se hospedou, «Dothy» recebeu a visita do capitão Ross Howard, que fora destacado como oficial às ordens.

Nessa noite, dançaram juntos. No dia seguinte pela manhã, Dorothy recebia gardénias, a sua flor favorita... Até à data que escrevemos, o bailado continua...

* * *

Harlem mudou-se para Hollywood... Depois do «Cabin in the sky» inteiramente interpretado por artistas de cor, «Stormy Weather» reincide no mesmo género: Lena Horne, Bill Robinson, os irmãos Nicholas, etc...

Hollywood está a ver tudo muito negro...

* * *

Deanna Durbin concluiu «Hers to Hold», a história duma rapariga consagrada ao esforço de guerra...

No filme e na vida real, há absoluto paralelismo. Deanna que começou por se alhear do movimento em prol da participação activa das vedetas cinematográficas na tarefa comum — tornou-se subitamente numa entusiasta da Cruz Vermelha.

É a mais activa propagandista da benemérita instituição e está inscrita no número das dadoras de sangue.

* * *

«The Youngest Professions» reúne um «cast» impressionante: Green Garson, William Powell, Robert Taylor, Lana Turner, Virginia Weidier, Edwar Arnold, John Carroll etc...

Hollywood assegura que este filme «é diferente!» E, como se fôsse pouco, considera-o «the most refreshing picture», produzida nos últimos anos.

Quando chegar a Lisboa, vamos vê-lo reclamado nos jornais, nos seguintes termos: «O filme ideal para verão! Se tem calor, vá ver esta magnífica comédia. A brisa do mar, no clima excitante duma ardente história de amor!».

* * *

Até à hora do nosso jornal entrar na máquina, Dorothy Lamour e Judy Garland não mudaram de idéias... E não temos notícia de que Lana Turner se haja casado pela quarta vez, com o Stephan Crane...



June Lang, que Hollywood considera no número da vedeta com mais futuro.

Abbott e Castello, os cómicos de «Keep 'em Flying», instituíam um voto para ser disputado no concurso anual de vôo sem motor, realizado pelo «Associated Glider Club of America». A vedeta Peggy Moran entregou o premio aos vencedores.



Dos livros e DOS HOMENS

★
POR LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

OUVINDO

LUIZ
VIEIRA
DE
CASTRO



UM alto espirito de historiador e de ensaísta, responde hoje neste instantâneo jornalístico: Luiz Vieira de Castro, autor dessa obra-prima de História diplomática que é o livro «D. Carlos I», Luiz Vieira de Castro é o perfeito caso literário do historiador que faz do passado uma experiência para as lições do futuro. A sua História é eminentemente viva e especialmente humana. Para Luiz Vieira de Castro a História não é apenas um motivo de estudo; é também uma perspectiva de inteligência.

Ouvimo-lo no seu gabinete da Junta de Crédito Público, de que é Presidente; preguntámos-lhe:

— É verdade que vai reeditar o *D. Carlos*?

— É verdade que um amável amigo e editor de Lisboa me propôs a 3.^a edição do livro. E eu concordo, porque me parece que há alguma vantagem em levar ao conhecimento dos portugueses tudo quanto no *D. Carlos* se conta e revela. O livro é um livro de história — mas não é um livro de historicista...

Não há nele um só facto que se não baseie em documentos. Mas documentos não bastam. Como queria Lasserre, a história exige mais: o conhecimento dos homens, a experiência dos interesses que movem os povos, o sentido do possível e do real. *D. Carlos* poderá intrigar um erudito colecionador de referências, apesar da sua extensa e estudada bibliografia; parece, porém, que sempre será entendido por quem ama a história viva, vibrante e, por assim dizer, humana. Façam os outros história como quiserem; eu escrevo-a do único modo que considero útil.

— Além da reedição do *D. Carlos*, trabalha alguma outra obra?

— Tenho dois volumes prontos a entregar na tipografia. Um sobre a Guerra, que terá como título — o que também me parece real e humano...

— Rumo à Vitória. Outro, que ainda não tem título, (Deus não me concedeu, sem blague, o dom dos títulos!) sobre *Homens e Livros*. Creio que esta designação não poderá vir a ser mais do que o sub-título da obra.

— E é tudo?

— Tudo, por ora. E não é pouco para quem já, por vezes, não sente a necessária saúde. Todavia, quando cairem... as folhas do Outono, novos temas surgirão, decerto, e não é impossível que a política externa, amavelmente, me dê matéria para novos trabalhos.

Ensaaios de Interpretação literária

SÃO grandes escritores aqueles que logram projectar a sua obra para além da sua vida e, o que é mais, para além do seu tempo. São grandes escritores aqueles, raríssimos, que não se deixam apegar demasiadamente às aparências ilusórias das efémeras recompensas — porque sabem estar construindo, ou recreando, um mundo que só outro mundo pode compreender, aceitar ou aplaudir. Quanto maior fôr o sacrifício que um escritor faça à sua actualidade — mais curta e mais rápida será a duração espiritual da sua obra. Por isso uma obra de ficção — romance, conto ou novela — como um poema, deve ser eminentemente intemporal, e procurar transmitir, obedecendo a puro impulso íntimo do artista, apenas a sua realidade, a sua emotividade subjectiva, e nunca sacrificar-se às solicitações do instante. É conhecida a frase de Stendhal, ao profetizar que a sua obra só cinquenta anos mais tarde seria devidamente julgada. E o futuro provou que o autor de «Le Rouge et le noir» tinha razão.

Com Eça de Queiroz passa-se semelhante circunstância. Nenhum outro escritor — segundo pode parecer à primeira vista — terá sacrificado tanto o estilo, a arte de escrever, às contingências circunstanciais da sua época... Mais que Camilo, mais do que Fialho de Almeida, Eça de Queiroz retratou fielmente, e tanto mais fielmente quanto mais o deformava, um universo que era o da sua época. Desde as ruas lisboetas até ao perfil das almas dir-se-ia que nada escapava à objectiva sarcástica e impiedosa de Eça de Queiroz. E, no entanto, alguma coisa havia que transcendia e ultrapassava tão efémero e imediato objectivo. E essa alguma coisa era tão forte que não se aperceberam dela os contemporâneos do escritor. Eça de Queiroz viveu, é certo, a sua hora de prestígio — mas nunca viveu um minuto de popularidade. Ainda bem! A popularidade é, quase sempre, quando procurada e obtida, o suicídio dum homem de letras. Lisboa — a Lisboa chôcha e maissa que passava nos romances do Eça — ignorava-lhe a figura exterior e mal lhe conhecia o nome. Decerto, Eça de Queiroz tinha o seu núcleo de amigos e, numa determinada roda era, sem favor, o centro das conversas e o orientador espiritual. Nesse tempo ainda não se convenciona para se ser escritor era necessário ter as unhas sujas e o fato coçado — e não se media o talento pelo desalinho das gravatas e do vestuário, como seria moda mais tarde nas primeiras décadas deste século...

Assim, Eça de Queiroz — ainda há dias o recordei noutro local — que não foi nunca um escritor popular no seu tempo, é hoje, cinquenta anos volvidos, o mais popular e o mais conhecido dos romancistas portugueses de todos os tempos; Camilo Castelo Branco — sem dúvida um consciencioso romancista (quem escreveu um ódio servido por vastíssima abundância de vocábulos?) — não encontra hoje mais do que meia dúzia de coleccionadores fiéis. Júlio Diniz engrinalda ainda algumas provincianas bibliotecas cor-de-rosa. Fialho de Almeida — chegou até aos nossos dias como um panfletário ousado e pouca gente terá coragem para ler os seus contos rebarbativos e espinhosos. Quem foi Abel Botelho? Quem foi Teixeira de Queiroz?

Agora, Portugal e o Brasil preparam-se para

festear o centenário do nascimento de Eça de Queiroz. Nada mais legítimo. A medida que se afastou do seu tempo, o escritor aproximou-se do Homem. Hoje, o aspecto realista, fotográfico, dos seus livros é puramente acessório. O que mais interessa, isso sim, é a humanidade das suas figuras, humanidade palpitante, tão fielmente colhida no âmago das almas que o leitor esquece, ao tomar contacto com elas, o traço grosso em que estão desenhadas.

Pode ser considerado como um valioso contributo para uma futura antologia de estudos sobre a obra de Eça de Queiroz este livro que Luis de Oliveira Guimarães agora publicou: «As mulheres na obra de Eça de Queiroz». (Colecção Gládio). Trata-se duma brochura escrita com aquela elegância pessoal que caracteriza a obra de Luis de Oliveira Guimarães. É este, sem favor nem camaradagem de redacção, um dos escritores portugueses de hoje que melhor «recortam» a frase e que sabem pôr, com mais dignidade, ao serviço dum estilo cuidado, uma preocupação de leveza que só o valoriza.

«As mulheres na obra de Eça de Queiroz» não é, positivamente, um ensaio crítico — nem Oliveira Guimarães pretendeu que o fosse. Mais depressa lhe poderíamos chamar «uma conferência que não foi lida». Caso curioso: os trabalhos literários de Luis Oliveira Guimarães parecem ter sido escritos para serem lidos em voz alta. Assim como há escritores que escrevem em voz baixa, há escritores que mais ganhariam em serem ouvidos — por isso que a sua prosa se deixa embalar ao ritmo musical de quem a escreveu.

O autor desta brochura não se limita, porém, a fazer desfilar ante nossos olhos, num friso alegórico e completo as figuras femininas que recheiam a obra do grande romancista. Mais ainda, detém-se, atento e curioso, nos meandros da sua personalidade que porventura explicam as suas personagens. Encara, com particular atenção o fenómeno exterior de Eça de Queiroz — desde a sua decantada elegância até às suas mínimas preocupações de homem de sociedade. E com o resultado da sua experiência — viagem através do mundo queiroziano — compõe o ramo de flores da sua homenagem a um dos aspectos mais interessantes (embora não o mais representativo) da galeria literária de Eça de Queiroz.

Em geral, os trabalhos portugueses sobre a obra do grande romancista são confrangedores. O livro de António Cabral merece o epíteto sarcástico que por aí correu nos cafés a quando da sua publicação; o de Archer de Lima é evidentemente limitado e insuficiente; o de Alberto de Oliveira, demasiadamente intencional; os de José Agostinho, pobres de cultura crítica. Salvam-se, que me lembre, as páginas de António Sardinha sobre o «Espólio de Fradique» e o volume, conhecido, de Agostinho de Campos. Os melhores estudos sobre Eça de Queiroz vieram-nos do Brasil, primeiro o curioso livro de Viana Moog; depois o excelente ensaio crítico de Alvaro Lins. O livro que Luis Oliveira Guimarães agora publicou embora encare apenas um aspecto parcial da obra de Eça de Queiroz deixa-me antever a possibilidade de se publicarem em Portugal, aqueles ensaios de interpretação literária que a obra do autor de «Os Maias» pode, a meu ver, sugerir em cada página.

A DERROTA DE BENI LEVY

OU AS SUPERSTIÇÕES DUM CAMPEÃO...

POR MÁRIO SANTOS

OS punhos valentes que abateram Garcia Alvarez e Gascón, amoleceram diante do libertino Peiró. Beni Levy fez cair sobre os aficionados portugueses inesperada onda de tristeza!...

Tudo isto faz lembrar aquela noite angustiada da Europa, quando Carpentier, esbelto e valente, levou para o ring o plano para liquidar Dempsey e derrotar a América. O maravilhoso gaulês assim o contou depois: no primeiro round — estudo e depressão moral do adversário; no segundo ou no terceiro, o mais cedo que lhe fosse possível, a vitória!...

Bem sabia o pugilista europeu que, de outro modo, difícil lhe seria trazer para o velho Continente uma vitória que só aos americanos entristeria. Depois, Carpentier sonhava com ver «Paris em delírio»!...

E que Carpentier, muito mais do que *boxeur*, era um tático do *box* — usando da inteligência mais do que da força.

O seu primeiro round foi mesmo como ele concebera: viagem, medida e estudada, ao longo das cordas, para acabar no «seu canto» — mas com uma careta e a língua de fora, para irritar o indígena... Só no terceiro assalto lhe apareceu a oportunidade para a sonhada vitória. Dempsey, aturdido com o desesperado ataque que sofrera nos flancos, baixou a guarda e descobriu o alvo: um sóco ao queixo, violentíssimo, com Carpentier nas pontas dos pés e com todo o peso do corpo. Foi precisamente neste momento que o mágico francês pareceu ver «Paris em delírio»... Dempsey *dobrou* as pernas... mas agüentou. E venceu!

Assim, Peiró. O supersticioso Beni Levy teria, também, o seu plano — como sempre: ataque inicial ao estômago e aos flancos do espanhol. Depois, à medida que a guarda descesse, o ataque decisivo, qual «stuka» — como é da moda dizer-se.

Simplemente, o espanhol havia pôsto ao serviço da rude batalha que aceitara, mais ainda do que as suas estupendas faculdades atléticas, uma inteligência manhosa, tão útil para si como para o desporto espanhol. À saída do corpo-a-corpo teórica e logicamente compreendido no plano inicial do campeão português, Peiró desfechou um sóco terrível, pela esquerda, que apanhou Levy ainda frio e o fez morder o pó do estrado. Depois, sim, foi o delírio — do *boxeur* vitorioso, duma multidão electrizada pelo inesperado do combate, do atleta caído quando sonhava fazer tombar! Ao ataque, sempre e sempre mais fulminante, que o espanhol destacava de cada vez que Beni caía e se levantava, correspondiam dois estados de alma totalmente diferentes. Beni — vendo a derrota com surpresa — lutando raivosamente pela conquista das forças que teimavam em fugir-lhe; Peiró — tão surpreso como ele, mas da vitória — desbordando energias que julgava não possuir.

A luta de gigantes que neste lance se teceu e que só um milagre poupou Beni ao estrondo duma derrota, sem apêlo e com todo o ar de tragédia, foi decisiva. Nela se compreenderam dois planos do combate: um, inesperado e estranhamente derrotado; outro, centuplicado nos efeitos, que deslumbrou o bailarino e lhe deu arcaboço para o resto.

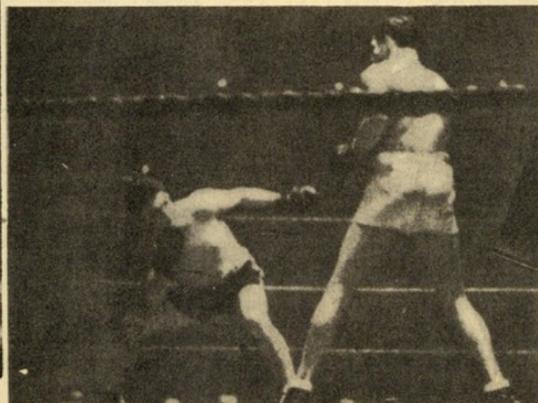
Que ficou de tudo isto, para poder concluir-se, com algum êxito, do fracasso a que o grande campeão português se remeteu na vez primeira em que jogou sua fama na doce e ridente terra espanhola?

Sabe-se que Beni é supersticioso. Eu o disse já — com a certeza exacta de que não erro — porque o vi. Beni tem um «canto», no ring, que é o seu. No Campo Pequeno foi sempre o mesmo e, duma vez, com Gascón, houve mosquitos por cordas só porque o «canto» esteve para pertencer ao espanhol. Mais notoriamente, no Parque Mayer, ante Tarré, um senhor «segundo», de óculos e bigodes fãnhudos, irritou-se de haverem transplantado o seu pupilo para lugar diferente do que ele escolhera. Ora, o «canto» de Beni é o da direita baixa — como se diz na arte de Talma — em relação ao lugar da mesa dos federativos.

Que lugar teria pertencido a Beni neste histórico encontro da Barcelona? Creia-se nisto ou não, continuo a julgar que este pormenor do «canto» tem para Beni uma influência psicológica de bastante importância.

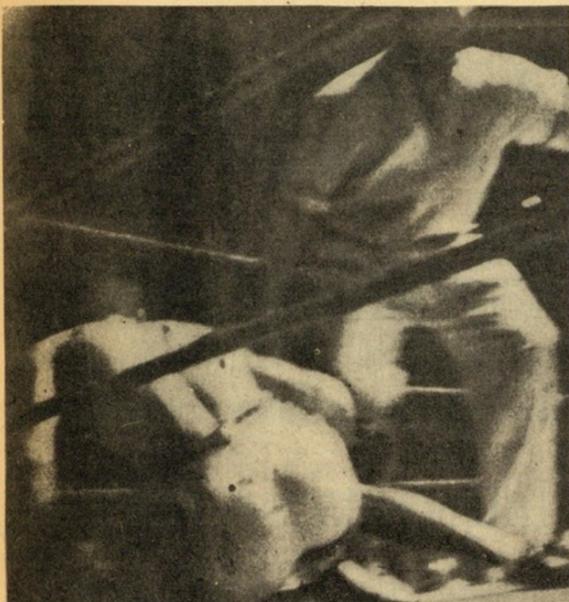
De resto, o estudo detalhado da torma de combater do moçambicano teria que revelar a influência de pormenores psicológicos semelhantes. Um deles: no início da pugna, o português não pode recuar ante o desenho de qualquer ataque adversário. Assim, Beni leva o antagonista desde logo ao convencimento de que nada receia, e essa acção, pelo tempo fora, pode ser-lhe muito útil — como tem sido...

Em Barcelona teria acontecido assim?

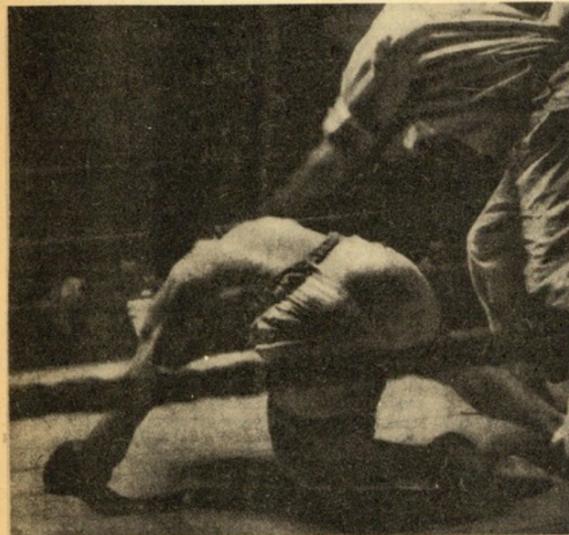


Uma «chancen»? Vamos lá! A peleja é dura, o adversário é forte mas...

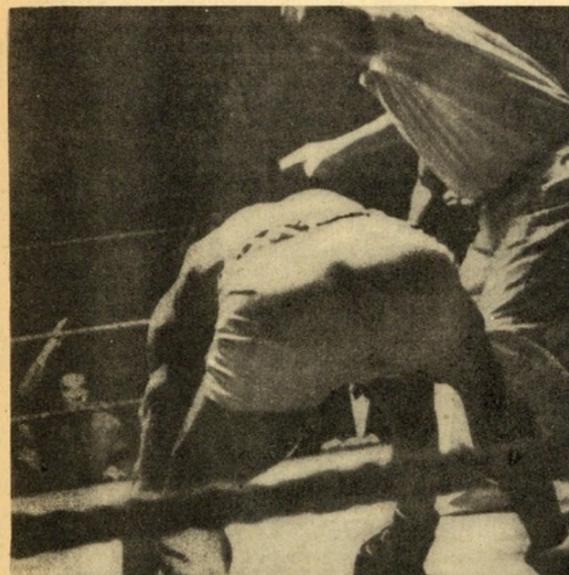
Peiró não se comove. Espera o golpe...



A segunda queda é mais desastrosa. Casanovas volta a contar...



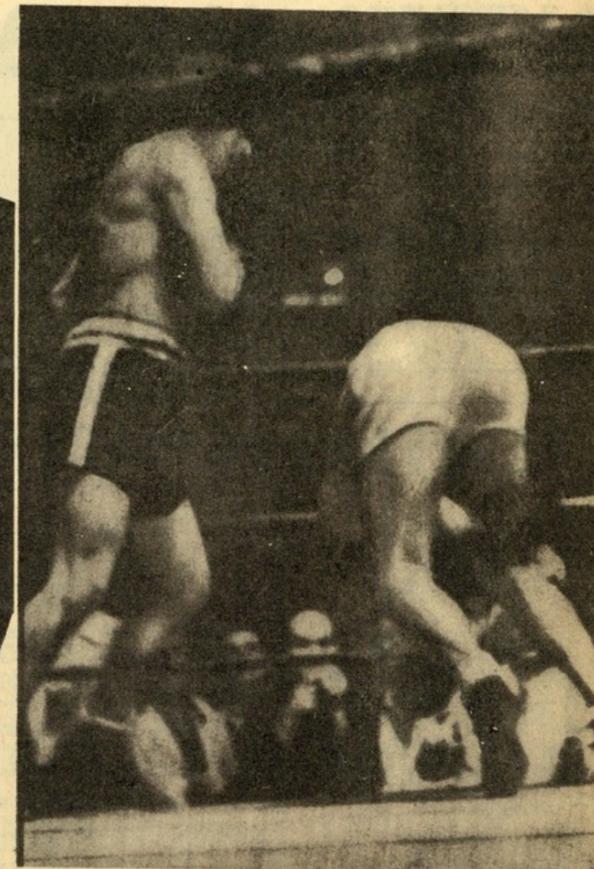
Porém — mãos ao chão outra vez. O árbitro continua a contar. Um, dois, três...



Luvas ao chão. Levy cambaleou... Há alarme mas o «boxeur» português tem espírito combativo.



Beni Levy cai pela primeira vez, por causa de um golpe de Peiró, logo no primeiro assalto.



O «boxeur» português, antes do combate, fez esperançosas declarações que não condizem com este resultado...



Horas	Estações	Comprimento das ondas	Horas	Estações	Comprimento das ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
9.45	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	20.30	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WDL	30.8 m. 9750 kc/s
	WGEO	25.3 m. 11847 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
17.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. **ATE HOJE NUNCA NÃO APARECEU COISA MELHOR**

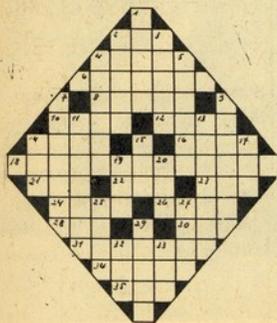
A venda em todas as farmácias e drogas

Preço avulso: 11\$00



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 76



HORIZONTAIS: 2—Protóxido de Cálcio. 4—Capital do Estado do Pará. 6—Agradecias. 8—Cobrir de areia. 10—Dispõe. 12—Nome de ho-

mem. 14—Cidade de Timor. 16—Amanhá. 18—Presidente da República do Brasil. 21—Marchavam. 22—Densa. 23—Contração de prep. e art. (pl.). 24—Sarrafo. 26—Trabalho. 28—Nome de mulher. 30—Queixumes. 31—Dobrar. 34—Abre ruas. 35—Qualquer.

VERTICAIS: 1—Não compareça. 2—Estado do Brasil. 3—Conheças. 4—País da América. 5—Afluente do Amazonas no Estado do Pará. 7—Abalara. 9—Estado do Brasil. 11—Alumia. 13—Bramaria. 14—Doei. 15—Passe pelo coador. 17—Curadas. 19—Partida. 20—Oco. 25—Estado do Brasil. 27—Estado do Brasil. 29—Cidade de Itália. 32—Cruel. 33—Caminho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 75

HORIZONTAIS: 1—Acabaram. 2—Año; Ar; Mar. 3—Ribatejano. 4—Ema; Ea; Rás. 5—Saia; Araú. 6—Lágrimas. 7—Eira. 9—Mapa. VERTICAIS: 8—Ares. 9—Animal. 10—Cobria. 11—Má; Age. 12—Abol; Ri. 13—Párea; Ir. 14—Ar; Ana. 15—Amarra. 16—Manaus. 17—Rosa.

Conserva os cabelos bem penteados e brilhantes, todo o dia, e não tem gordura

BOIAO — 12\$00

— A' VENDA NAS BOAS CASAS —

CREMES

PARA DE DIA E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

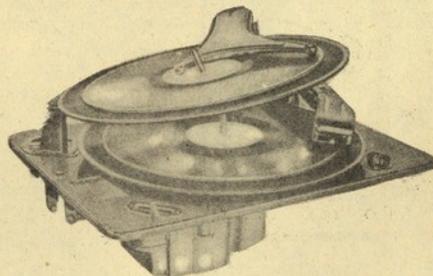
Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade. Solções de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

DISCOFONES

COM MUDANÇA AUTOMÁTICA DE DISCOS

EM CAIXAS DE MADEIRA DE BELO ACABAMENTO, PERMITINDO A AUDIÇÃO DE 8 DISCOS GRANDES E PEQUENOS SEM QUALQUER INTERRUPTÃO



O APARELHO IDEAL PARA OS AMADORES DE BOA MÚSICA

EST. VALENTIM DE CARVALHO

Rua Nova do Almada, 97

VENTO FORTE E TOIROS FRACOS...



UMA vez mais, a qualidade dos toiros ia comprometendo o êxito da corrida da passada noite de 14, no Campo Pequeno, cujo «cartel» oferecia as maiores garantias de sucesso artístico. Toiros e vento, de parceria, tudo fizeram para tornar vã a esperança que os aflicionados tinham de assistir a um espectáculo completo e só a muita confiança nos toureiros anunciados tornou possível, com uma noite desagradável, a enchente que se verificou. Afinal, apesar de tudo e contra tudo, ninguém dará por mal empregado o seu tempo, pois detalhes houve de verdadeiro agrado, momentos mesmo de vibrante entusiasmo e até de emoção, muito embora fôsse limitadíssimo o poder das reses, sobretudo das lidadas em terceiro e quarto lugares, propriedade de Pompeu Caldeira, que enviou um toiro e três novilhos, dois deles demasiadamente «terciados». Do senhor João Coimbra eram os outros quatro e se o segundo mostrou honrar as tradições da casa, houve um, verdadeiramente manso — o sétimo — que, manda a verdade que se diga, não era tão mau como depois se mostrou, após uma «brega» endiabrada em que todos pretendiam fazer pior que os outros. Simão da Veiga que safu a farpear o primeiro e o quinto com a alegria e alma toureira que o caracterizam, conseguiu merecidas palmas e sair aos «tercios» no fim das lides. Teve ferros valerosos e lindas preparações, algumas valentíssimas, pois que só pisando o terreno do inimigo o fazia

investir. Para fechar, um par de bandarilhas a duas mãos, ergueu a praça numa ovação grande.

Com toiros que não investiam, principalmente no segundo que toureou, foi tanta a vontade posta por Simão, que não podemos deixar de exaltá-la e de a citar como exemplo de honestidade artística e brio profissional.

O matador «Morenito de Talavera», tendo ainda aberta a ferida de uma colhida recentíssima, agradeceu-nos em absoluto no seu primeiro. É certo que foi êsse o melhor toiro da noite, mas mesmo assim é preciso ter-se estôfo de verdadeiro bom toureiro para lancar à «verónica» como o fez, realizar um «quite» por «chicuelinas», de uma beleza e arrojo inexcelsíveis, para os quatro pares de bandarilhas que cravou e ainda para a boa «faena» com que finalizou um trabalho que o público premiou com grande ovação, volta ao redondel e saída aos «meados». «Morenito» mostrou-se um toureiro completo e seguro e para mais, com um estilo apuradíssimo. O seu toureiro resulta naturalmente belo e eficaz, patenteando com a «muleta» um domínio perfeito. A sua «faena» foi das melhores que vimos esta época como dos mais sérios foram os alardes de valor com que a adornou. Finíssimo a bandarilha, fez dois «quebraos» grandiosos e teve mais dois pares queateando, admiráveis de facilidade e frescura. No sexto toiro, que era manso e mau, «Morenito» esteve menos feliz, sobretudo bandarilha.

Jaime Marco «El Choni» — o novilhão que na anterior corrida tão boa impressão deixara — desta vez não teve adversários que permitissem luzimento. Apesar de se mostrar diligentíssimo na lide do terceiro e do sétimo — o pior lote — não lhe foi possível realizar trabalho de efeito e foi pena, sabido como é que este rapaz tem «plantas», estilo e maneja a «muleta» com pormenores de toureiro dominador.

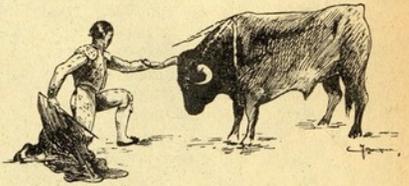
Gregório García continua sendo o ídolo do público que se não cansa de o aplaudir com delírio, mesmo quando, como nesta corrida, o seu labor não é tão completo como podia esperar-se. É que, de facto, García tem uma maneira de tourear que empolga, que tem vibração — o que sobejamente justifica o entusiasmo popular. Com o capote, teve lances suaves e belos, os pés assentes, o corpo direito e firme, movendo os braços com verdadeira graça toureira. Mesmo submetidos a exame técnico (arma de que os seus detractores se servem) desses lances que executou, pelo menos dois foram impecáveis, como impecáveis foram dois dos sete pares

de bandarilhas que cravou. No seu primeiro — quarto do curro — lutou com as más condições do toiro, que fugia da «muleta», só por fim se resolvendo a uma aproximação que desde o primeiro momento estava indicada, pois os toiros mansos devem citar-se de perto. Então, tirou uns «passes» valentes e de soberbo efeito espectacular, o que lhe valeu grande ovação com volta, música, charutos e até uma garrafa de «champagne». No oitavo, como a res não se prestasse a um toureiro bonito, Gregório não fez a «faena», o que lastimamos que tivesse acontecido.

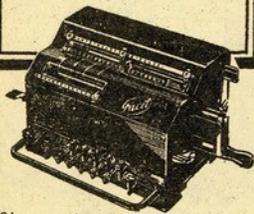
Há ainda a citar a excelente «brega» de Correia, um bom par de Saraiva e a direcção de Ricardo Teixeira, por vezes de uma rapidez injustificada.

E porque os últimos são os primeiros, uma referência a Júlio Procópio que tem um admirável e oportuno «quite» quando García desequilibra-se ao bandarilhar o oitavo, caiu na cara do toiro, com grave risco. O mexicano num momento irreflectido, motivado certamente pela irritação da queda teve um gesto desleigado para com o brioso bandarilheiro, mas logo o emendou, apresentando-lhe desculpas, abraçando-o e oferecendo-lhe as bandarilhas, indo fazer a «brega» para que Procópio cravasse. Tal gesto foi sublinhado pelo público com fartos aplausos e assim tudo acabou com um ar amigável de sã camaradagem.

(Crónica e desenhos de JAIME DUARTE DE ALMEIDA.)



Para
Cálculos rápidos



Só com 10 teclas.
Controle de inserção.
Transporte total das dezenas nos 2 registos
Cômuda para pôr a zero.
Mecanismo completamente fechado.

Facit

SOCIEDADE COMMERCIAL LUSO AMERICANA, L.^{da}
Rua do Prata, 145 R. Sá de Bandeira, 230
LISBOA PÔRTO

Ex. ^{mas} Senhoras
Antes de partirem para férias
visitem os lindos modelos de
VESTIDOS, CASACOS E "LIGIERES"
Expostos nos salões de
LUCINDA E INEZ, L.^{da}
R. D. Estefânia, 117, 1.º



Um aspecto do jantar que reuniu há dias, numa tocante festa de confraternização, directores e empregados da Sociedade de Lubrificantes Portugueses, L.^{da}, em comemoração do primeiro aniversário da constituição desta importante firma

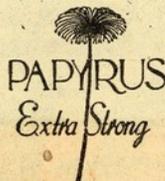
P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

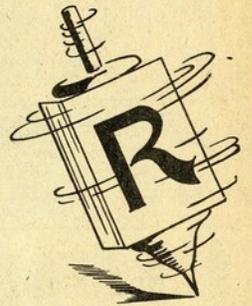
À venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)
Rua dos Correios, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



Um autêntico
rapa... nódoas



é o CASULO
limpa-fatos

Síntese admirável de seis produtos diferentes, infatível na eliminação radical e perfeita do LUSTRO e das MANCHAS DA ROUPA

Queira experimentar, pois é um facto ficarem os fatos como novos!

Vende-se nas boas drogeries de Lisboa, Pôrto e Coimbra



Li-Sen, venerável figura da China Nacionalista, há pouco falecido, subira a Chefe de Estado em 1932. Ao lado do generalíssimo Chang-Kai-Chek, em cujas mãos está concentrada a direcção dos destinos do país, Li-Sen, não obstante ser elemento menos nominal do que efectivo, foi um espírito preclaro e justo que muito bem fez à união dos chineses. Vemo-lo na foto — uma das últimas que tirou — visitando os campos arruinados da batalha.